

# Unidade II

## **5 AS RELAÇÕES HUMANAS DEPENDEM DE VALORES E REGRAS**

### **Objetivos**

Todos nós enfrentamos diariamente situações em que existe a necessidade de conhecermos e nos conformarmos com as regras. Outras vezes, somos responsáveis por criá-las ou, até mesmo, por zelar pela conduta de todos. Compreender como e por que a sociedade cria regras, ou qual sua importância em nossas relações sociais, cria habilidades de relacionamento com o grupo, promovendo integração e bem estar.

Evitar conflitos ou solucionar as situações conflituosas exige um amadurecimento que pode ser obtido com as reflexões propostas nesse item.

### **Introdução**

As relações sociais em qualquer cultura são mediadas por valores, normas e regras. Assim, quando nos relacionamos uns com os outros, precisamos recorrer a formas de conduta que orientem nosso comportamento e que nos tornem menos individualistas e mais coletivistas.

Se cada um de nós obedecesse apenas aos impulsos pessoais o tempo todo, ou aos instintos de nossa espécie, fazendo apenas aquilo que "der na telha", não seria possível existir sociedade, pois cada um gostaria de fazer prevalecer sua própria vontade e não a dos outros.

Esse é o papel das regras sociais, que aprendemos repetitivamente durante a vida, até que se tornem hábitos. O que torna possível essa educação para agir de acordo com as regras de uma sociedade é a socialização. Aprendemos regras do mundo doméstico, da escola, do convívio com amigos, do trabalho, da religião etc. Em cada universo social existem os valores que são mantidos pelo grupo e fazem parte das condutas pessoais.

As regras não existem apenas no tratamento com os outros, elas fazem parte também de todo o universo cultural de forma a organizar a vida. Para dar exemplos – como preparar alimentos, servir e comê-los, como tomar banho e manter a higiene pessoal, como arrumar uma casa, como se vestir para cada ocasião social, como se comportar no trabalho, tudo em nossa cultura possui uma regra ou uma forma de normalizar o comportamento, que é transformada em hábito.

Por isso, de uma cultura para outra tudo isso se modifica, e quando mudamos de uma cultura para outra precisamos nos adaptar às novas soluções para a vida pessoal e coletiva.

### **Principais conceitos**

Regras, valores, normas, hábitos, socialização.

### Valores e regras – desenvolvimento

O que nos torna humanos não é apenas a inteligência, mas o conjunto de nossas capacidades biológicas somado às nossas tendências de comportamento social. Para participar de um grupo precisamos abrir mão da maior parte dos impulsos individualistas e do que a nossa natureza, através de seus instintos, nos ordena.

Para isso, é necessário entrar em uma lógica que pressupõe uma forma de controle do grupo sobre os indivíduos. Esse controle se dá por meio da aplicação das **normas** e dos **valores** sociais.

Normas e valores são orientações para a conduta social e prevalecem em um grupo social. Os valores são responsáveis por noções coletivas que possibilitam aos indivíduos considerar/julgar as atitudes dos outros como "boas" ou "ruins", "certas" ou "erradas", "justas" ou "injustas", comportamentos desejáveis e indesejáveis.

Já as normas nos ajudam a diferenciar entre condutas "próprias" ou "impróprias". As regras são conjuntos de normas que regulam o nosso comportamento. Para todas as ocasiões sociais, aprendemos a segui-las e, sem perceber, exigimos dos outros que também o façam.

Valores são modelos de referência para a nossa moral, enquanto as normas garantem que nosso comportamento seja adequado ao do grupo.

Não existe necessidade de que todos os indivíduos concordem e obedeçam a totalidade do conjunto de valores e normas de seu grupo social. Muitas vezes, discordamos de alguns valores que orientam a conduta das pessoas e procuramos seguir um senso próprio.

Mas, na maior parte do tempo percebemos que certos valores prevalecem em nossa sociedade, e que não é possível individualmente mudá-los. É importante lembrar também que a sociedade é dinâmica, e que, ao longo do tempo, os valores e as normas tendem a mudar de acordo com a vontade coletiva.

Até a década de 1960 era considerada imoral a atitude de um casal de namorados se beijar na boca em público. Atualmente, essa norma está bastante flexibilizada. Ainda nesse assunto, é sabido que a virgindade feminina era um valor social. As mulheres tinham que se casar virgens obrigatoriamente. A virgindade deixou de ser um valor.

Mas o que exatamente é uma regra?

Vamos começar com o auxílio do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

**Regra** s.f. 1 aquilo que regula, dirige, rege; princípio, norma, preceito 2 norma, fórmula que indica o modo apropriado de falar, pensar, agir em determinados casos (*r. de gramática, de um jogo*) 3 aquilo que foi determinado, ou se tem como obrigatório pela força da lei, dos costumes etc.; lei, princípio, norma (*r. de conduta, de boa educação*); (...)

O que é possível perceber nessa definição de nosso dicionário sobre a regra?

Para nosso estudo, é importante ressaltar que há duas dimensões das regras. Uma de caráter formal, que está relacionada com normas e leis. É o conjunto de regras como as leis de um povo, ou as regras de um tipo de jogo.

Há também as regras mais informais, que não estão registradas de forma escrita e que não precisam ser "estudadas" ou conhecidas pela escrita. São as regras que permeiam nossa vida cotidiana, que regulam nossa conduta.

Será que podemos equivaler hábitos a regras? Vamos pensar nisso! Hábitos são formas repetitivas e regulares de fazer certas coisas. Quando a maioria dos indivíduos de uma sociedade possui os mesmos hábitos, eles passam a ser compreendidos como regras.

Existem diferentes "universos" de regras. As regras de jogos, que são necessárias conhecer apenas para poder jogar ou torcer, e as regras do cotidiano social, que precisamos aprender para poder viver em coletividade.

Pois bem, nossa cultura está cheia de hábitos que aprendemos com os outros. Comer com talheres ou palitos, tomar banho em chuveiros ou de imersão, horários de refeições, dormir em camas ou redes, e uma infinidade de coisas diárias que nos ocupam.

Quando uma regra é insistentemente repetida, ela se transforma em hábito, então percebemos que não precisamos pensar em "como eu devo fazer isso, mesmo?" Quer dizer que essas ações como o jeito de comer, dormir ou tomar banho são regras?

De certa forma sim! Quando você testemunha alguém em sua cultura fazendo as "coisas habituais", como preparar alimentos ou mesmo escrever de outra forma que não aquela usual, a tendência é você se manifestar e reprimir o comportamento do outro. Claro que isso depende da situação e da intimidade possível, mas, no geral, nos espantamos, por exemplo, se uma pessoa em um jantar não familiar resolve pegar os alimentos servidos à mesa com as mãos, ou se leva seu próprio talher que está sendo usado na tigela comum para se servir.

As regras se transformam em hábitos quando repetimos exaustivamente seu uso e deixamos de pensar que esse comportamento é uma forma de regerar a vida coletiva.

Transformamos algumas regras em hábitos, e alguns hábitos em regras. Tudo depende de qual situação está sendo analisada.

Para cada cultura existe apenas **um único conjunto de valores e normas**? Sim e não. Ocorre que existem valores e regras muito gerais, que nos dão noção de como agir "em qualquer situação".

Entretanto, quando participamos de grupos dentro dessa cultura, como grupos religiosos, profissionais, esportivos, acadêmicos etc., percebemos que a cada âmbito social correspondem valores e normas específicos para aquele contexto.

Há regras e normas que devem ser seguidas por todos os indivíduos de uma sociedade, e há aquelas que são aplicadas apenas a alguns grupos específicos. Clubes, instituições religiosas, associações e partidos são bons exemplos desses grupos.

A tendência de um pequeno grupo social é estabelecer seu próprio conjunto de valores, que pode estar em acordo com a sociedade, como pode estar em grande desacordo.

Tudo depende da relevância e da legitimidade que esse grupo possa adquirir perante o resto da sociedade. Quando ele se torna muito influente, pode mudar coisas consideradas impossíveis. É importante ressaltar que, estando ou não de acordo com o conjunto de valores, é necessário que ele exista. É a partir de um modelo que os indivíduos e os grupos podem estabelecer concordância ou discordância com a totalidade da sociedade.

As normas e os valores precisam ser mantidos, e, para isso, há uma espécie de "vigilância". Existem vários níveis de "vigilância" que a sociedade cria para zelar pelo cumprimento dos valores e das normas. Um é o institucional. Existem instituições para punir quem não se comporta "adequadamente", como escolas, prefeituras, a polícia, as leis e a jurisdição, além do Estado.

O consenso, em relação aos valores, é obtido quando a grande maioria da sociedade concorda com alguma atitude e lhe atribui importância.

Também existe outro nível de "vigilância", que é o convívio social. Em todos os nossos contatos podemos observar como as pessoas julgam todo o tempo a conduta uns dos outros. Frases como: "mas também, mereceu!", "fulano é muito fofoqueiro", "eu não faria isso", "você pode me explicar por que fez isso?" entre tantas outras, são uma forma que os indivíduos demonstram que é preciso que todos participem de alguma forma do conjunto de valores, e que as normas devem valer para todos. Os que não seguem as normas e os valores são repreendidos, e recebem um tipo de punição moral, psicológica.

Então, vamos retomar um pouco nesse ponto. Vimos que há uma norma mais geral, que há normas que valem apenas em alguns grupos, e que os grupos que conseguem se tornar mais influentes podem determinar, para os outros, algumas normas e valores.

É possível afirmar que o estabelecimento de normas e valores em uma sociedade é sempre resultado de uma disputa em torno do consenso? Sim, a sociedade está o tempo todo debatendo sobre seus próprios valores, e a maior parte deles dificilmente é um consenso absoluto, mas apenas corresponde a uma maioria.

Aprendemos o "jogo social" de seguir regras desde muito cedo. Além, é claro, da educação oferecida pelos pais, que nos proporcionam a primeira socialização em nossas vidas, temos outras formas de introjetar<sup>17</sup> a lógica das regras. Os jogos são bons exemplos disso. Para participar, aprendemos desde cedo que é necessário seguir as regras, do contrário, o jogo não se desenrola. E se as regras de um jogo mudassem sempre e a cada vez que fosse jogado, não seria mais esse mesmo jogo, mas um jogo diferente.

<sup>17</sup> Introjeção designa em psicologia e, mais especificamente, na teoria psicanalítica o processo pelo qual a criança incorpora os valores dos pais e da sociedade, transformando-os em seus. (fonte: Wikipedia)

Observe que é lento o processo de mudança de valores em uma sociedade. E para que ele aconteça, é necessária a participação, a discussão, os exemplos contrários, até que o coletivo perceba que não tem nada a perder, que não "acabaria o jogo" se abrisse mão de um ou outro valor ou se transformasse essa ou aquela regra.

Dentro de pequenos grupos sociais essa mudança é mais fácil. O coletivo torna-se mais acessível a todos que participam, e é viável um debate constante. Em clubes, empresas, associações, escolas, a mobilização para a discussão é um processo mais rápido e mais efetivo.

Já para mobilizar **toda** a sociedade, o processo é bem mais lento, pois pode haver um longo período de transição sem muito consenso em torno de determinado valor ou norma. Daí, o que normalmente ocorre é muito conflito em relação a como todos devem agir.

As regras enquadram o comportamento humano, no sentido de que não permitem qualquer forma de conduta o tempo todo. Muitas vezes os indivíduos não podem fazer certas coisas como de fato gostariam, e acabam abrindo mão de suas vontades em função do que os outros iriam falar ou pensar.

Mas, as regras são, necessariamente, algo que "aprisiona" ou "limita" os indivíduos? Não! Seguir regras é um atributo humano, e tudo em nossa cultura depende delas. A linguagem falada/escrita é um conjunto de regras. Não seria possível nos comunicarmos se não as seguissemos. Para formular qualquer pensamento em sua mente, você precisa recorrer à linguagem que aprendeu. Você já percebeu que pensamos por meio de palavras? E que se não houvesse palavras, seu pensamento seria algo absolutamente incomunicável?

A língua, como todas as formas de linguagem, é um corpo repleto de regras que garantem a produção de sentido pela sua ordem lógica e gramatical. Permitindo aos seres humanos o uso dessa lógica na produção e ordenação de seus pensamentos, emoções e expressões, de forma individual ou coletiva. Os princípios lógicos dessa ordem são as regras que ela contém (Passador, L. H. A noção de regra, *in Antropos e psique* – o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho d'Água, 2003).

Então, a exemplo da linguagem, podemos dizer que tudo, mas tudo mesmo, em nossa cultura é uma aplicação de regras. Para falar uma língua, é necessário dominar todas as regras de formulação do pensamento a partir de frases com coerência, coesão e de acordo com a norma dessa língua. Apenas assim, é possível comunicar tudo o que passa em nossa mente.

Língua e cultura não existem separadamente. Uma depende da outra, pois sem o desenvolvimento de uma língua, os indivíduos de um grupo não se comunicariam, e sem a cultura a linguagem seria limitada às necessidades de nosso instinto.

Até mesmo para expressar sentimentos como ciúme, amor ou ódio, não o fazemos a partir de algo inato em nosso ser, e sim a partir da forma como é aprendido em nossa cultura que é correto fazê-lo. Os sentimentos são inatos, mas a forma que encontramos para expressá-los não são. Vamos pensar em exemplos?

Pois bem, vamos falar de amor materno. Será que é algo que toda mulher tem "dentro dela"? Infelizmente não. O amor materno é um valor reforçado socialmente, e que algumas mulheres seguem com maior rigor e outras menos. Instinto materno seria mais apropriado para falarmos de natureza. Se amor fosse algo natural, será que encontraríamos bebês abandonados em lixeiras e em outros locais impróprios, como é comum vermos em noticiários?

Está bem, você pode argumentar que nesses casos o "desespero" foi maior que o amor dela por seu bebê, mas então é possível que a condição social/cultural se sobreponha a sentimentos inatos?

Sim, e muitos bebês são abandonados não apenas por falta de condição material da mãe para criá-lo; é comum mulheres de classes sociais privilegiadas, por questões morais, acabarem optando por essa prática. Moral, dinheiro ou tantas outras coisas podem se sobrepor ao "amor materno natural"? Apenas entendendo que esse sentimento é resultado de um valor social, podemos explicar tantas exceções. Na hora de tomar uma decisão, os valores são ponderados, e a moral pode prevalecer sobre o amor ou a vontade pessoal.

As línguas são parte das culturas e, como os demais sistemas culturais (religião, economia, moral, arte, etc.), guardam relação intrínseca com as formas de vida e pensamento culturais. O fato de serem ordenadas a partir de regras, que se constituem como seus princípios de ordenação lógica, assim como qualquer sistema simbólico, revela que as culturas como um todo são ordenadas a partir de regras, que se constituem como seus princípios de ordenação lógica, possibilidade de produção e troca de significados compartilhados e, portanto, de comunicação e compreensão. (Passador, L. H. A noção de regra, *in Antropos e psique* – o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho d'Água, 2003.)

Bem, continuaremos falando sobre outro sentimento, o ciúme. Em cada cultura, é reforçado que em alguns contextos é considerado apropriado "sentir ciúme". Em nossa cultura, em que a forma de casamento é monogâmica, é muito comum vermos cenas de ciúme de namorados e de casais.

Os parceiros expressam com certa "naturalidade" esse sentimento frente aos outros, e em certa medida são apoiados em suas atitudes. A monogamia é uma **regra** e pressupõe a fidelidade conjugal. Pois bem, existem culturas onde a regra de casamento é a poligamia<sup>18</sup>.

Será que esse tipo de coisa acontece? Não! Em lugares onde o casamento pressupõe vários parceiros legalmente constituídos, as cenas de ciúme conjugal não são vistas, e, de fato, as pessoas são estimuladas desde cedo a reprimir esse tipo de atitude.

Assim, como o amor e o ciúme, todos os sentimentos humanos recebem influência da cultura de um povo para que adquiram expressão. A expressão de sentimentos humanos recebe uma forte carga da cultura de cada povo.

---

<sup>18</sup> A poligamia é uma instituição presente em muitas sociedades, e supõe que o casamento pode e deve se realizar entre um marido e mais de uma esposa (poliginia) ou, ainda, uma esposa e mais de um marido (poliandria).

Esses são exemplos de como, ao longo da vida, os indivíduos respondem às influências de sua cultura e transformam em coisas naturais as regras que são sociais, ou seja, externas a cada um de nós. As regras se tornam hábitos, e, por isso, quando estes são confrontados com hábitos de outras culturas, surge uma tendência a considerar errado o que é apenas estranho.

O mesmo acontece no mundo do trabalho. Cada um de nós se habitua às regras e formas de procedimento em uma certa organização, e, ao mudarmos de emprego, seja com outras funções, seja em outra empresa, precisamos passar por um período de adaptação, e isso é uma forma de **socialização**.

Se os valores são um conjunto de ideias que um grupo social considera desejável no comportamento de seus indivíduos, as normas são regras de conduta baseada nesses valores.

As regras são a garantia do grupo social de que cada um de nós tome atitudes, a maior parte do tempo, de acordo com a convenção coletiva, e não com os impulsos pessoais. Ao repetirmos os hábitos sociais, realizamos a possibilidade de convivência em grupo, evitando atitudes conflituosas e individualistas que exigiriam uma constante negociação das partes envolvidas até chegarem a um acordo. Já pensou como isso tornaria impossível a sociedade?

### 5.1 As mudanças de regras e valores

O conjunto de valores e regras de uma cultura está em constante transformação.

Não é possível manter indefinidamente o mesmo conjunto de valores e regras, porque tudo em uma cultura se transforma com o tempo. Se há uma transformação de hábitos, por exemplo, no uso da tecnologia, isso terá impacto em outros âmbitos da vida social, assim como na família ou no trabalho.

Você pode estar se perguntando: mas hábitos no uso da tecnologia podem mudar valores familiares? Sim! É muito claro isso em nossa própria cultura. Os membros de uma família tendem a empregar cada vez mais tempo interagindo com aparelhos eletrônicos do que com os próprios familiares. Por conta da importância dada à tecnologia, o ritmo das relações familiares face a face perdeu espaço na vida das pessoas.

Com relação aos valores e às regras no mundo do trabalho, há uma grande quantidade de transformações, que vão desde as exigências na formação até os hábitos que precisam ser coibidos por superiores, como o desperdício de tempo das pessoas com a interatividade social eletrônica.

Uma transformação de valores leva à outra, porque a cultura funciona em conjunto. É um todo interligado e não há como isolar algum de seus aspectos e garantir que não haverá mudanças.

Segundo Laraia (2006), as mudanças podem resultar de dois fatores principais, internos e externos.

As transformações são geradas a partir da vida coletiva de um povo que se transforma dinamicamente com o tempo, mesmo sem qualquer influência de eventos ou povos externos a ela. O choque de gerações é um bom exemplo para perceber esse fenômeno. Mas, muitas vezes, são transformações mais lentas para serem notadas e que podem ser aceleradas com eventos históricos como uma grande descoberta tecnológica ou mesmo uma guerra.

Já as externas são mais repentinas e normalmente resultam do contato com uma cultura alheia. Um caso exemplar em nossa história foi a chegada dos europeus ao continente americano, na época das Grandes Navegações, a partir de 1500 d.C.

Dizer que é um caso exemplar se justifica, pois hoje há um intenso contato entre culturas do mundo todo, a ponto de tornar mais difícil para as pessoas leigas perceberem os impactos de uma cultura sobre outra.

Já no caso dos povos nativos das Américas, os chamados indígenas, as transformações decorrentes do contato com culturas alheias foi um fato inegável. Isso ocorreu devido ao isolamento dos indígenas, que viviam em nosso continente há séculos, sem qualquer influência de povos não americanos.

Atualmente, não é tão nítida essa influência, pois quase não existem mais povos isolados, e as culturas passaram a ter cada vez mais valores que são mundiais, sendo o processo de influência perceptível apenas para os estudiosos das ciências sociais.

Portanto, as influências que resultam de fatores externos continuam a acontecer com frequência em nosso mundo cada vez mais globalizado.

A diferença é que atualmente há uma confusão sobre as fronteiras. Não há mais como afirmar o que é **apenas interno** e aquilo que, sem sombra de dúvidas, é algo **apenas externo**.

O importante em diferenciar essas fronteiras é compreendermos que fazemos parte de um processo de transformações que tendem a ampliar a consolidação de valores mundiais, mas que não impedem de haver regras e valores locais. Afinal de contas, nossa vida cotidiana se faz, ainda, no convívio com o "nosso povo" e com o "nosso lugar".

Essa questão das tendências que denominamos de **globalização** será tratada de forma mais aprofundada na próxima unidade.

Por enquanto, nos interessa compreender como essa dinâmica de transformações de valores e regras ocorre, e quais seus impactos na vida de cada um de nós individualmente.

As regras e os valores se formam conjuntamente. Sim, não é possível aplicar regras que ferem valores, como não é possível manter valores se não há regras a eles associados.

Pois bem, em cada sociedade há uma enormidade de valores que podem estar presentes em pequenos grupos ou comunidades, mas que não, necessariamente, representam o conjunto dessa sociedade. Entretanto, sempre há uma norma vigente, um desses conjuntos de valores que atravessa toda a sociedade, independentemente de sexo, classe social ou religião.

A palavra "tradição" deriva do latim *traditio*, que significa transmissão, algo que é transmitido do passado ao presente. Por isso, chamamos de tradição cultural um conjunto de valores e práticas que se mantém e atravessa muitas gerações.

É o que denominamos de valores predominantes ou valores vigentes. Eles se encontram dispersos na sociedade e são defendidos pela maioria de seus membros. Eles, portanto, caracterizam uma cultura.

A transformação desse conjunto predominante de valores é o nosso foco de interesse nesse momento. Como é que uma sociedade vivencia a transformação de valores que são tão importantes para a maioria de seus membros?

Toda transformação de valores acarreta em consequências desagradáveis para algumas pessoas. Isso porque há um controle social sobre nosso comportamento individual. Quando alguém age de forma considerada inadequada ou imoral, fica sujeito a punições de ordem pessoal. Essas punições atingem a vida desses indivíduos por meio da desmoralização pública, do isolamento ou mesmo da perseguição moral.

Ser chamado de nomes vexatórios e humilhantes, receber tratamento desprezível ou ser ignorado são recursos de punição moral que o grupo pode utilizar quando alguém age fora dos padrões convencionais.

Nesse momento, torna-se claro quem são os conservadores, aqueles que defendem a manutenção de uma ordem de valores; e quem são os inovadores, que apesar dos custos para sua vida pessoal e social assumem as consequências em nome das mudanças.

O processo de transformação de valores e regras pode gerar duas reações básicas no grupo social: os que as aceitam (podemos chamá-los de inovadores); e os que as rejeitam (podemos chamá-los de conservadores).

Segundo Laraia (2006), a sociedade pode ser vista como um palco de embate entre essas duas tendências e "as primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos".

Esse autor chama atenção para o fato de que ir contra regras morais vigentes coloca a sociedade em situações de conflito.

Assim, uma moça pode hoje fumar tranquilamente em público, mas isto somente é possível porque antes dela numerosas jovens suportaram as zombarias, as recriminações, até que estas se esgotaram diante da nova evidência. Por isto, num mesmo momento é possível encontrar numa mesma sociedade pessoas que têm juízos diametralmente opostos sobre um novo fato. (Laraia, 2006)

Os conservadores representam a ordem de valores que está instituída e, portanto, têm apoio e poder para julgar e reprimir os inovadores. E para obter transformação, os inovadores precisam enfrentar as situações de constrangimento até que sua conduta não seja mais percebida como uma ameaça ao grupo.

Como todo sistema, a cultura e os valores vigentes também têm dois níveis de existência, que são o ideal e o real. O ideal corresponde àquilo que as pessoas idealizam, portanto, não é algo concreto, mas uma abstração, uma construção mental.

Já o real corresponde à forma como as pessoas colocam em prática, de fato, os valores vigentes. Sabe aquela velha frase: "na prática a teoria é outra"?<sup>19</sup> Apesar de seus equívocos, essa frase nos serve para ilustrar a questão de como a sociedade, às vezes, é bastante dúbia.

É que mesmo entre os defensores da moral vigente, é possível perceber que há muitas exceções, e, ainda muitas vezes, as regras são aplicadas de forma equivocada. Vamos pensar em um exemplo bem simples para uma colocação que pode lhe parecer tão complicada: o caso da regra de fidelidade matrimonial.

Em nossos valores vigentes, idealmente, o casamento deve ser uma instituição monogâmica, dentro da qual os parceiros devem manter esse preceito da fidelidade. Entretanto, mesmo entre pessoas muito conservadoras, não é incomum encontrarmos casos de infidelidade, o que muitas vezes são conduzidos de forma muito danosa afetivamente e moralmente para o outro cônjuge.

O ideal é um, a prática é outra.

Mas os valores não são referentes apenas a esse tipo de questão relacionada à moral sexual ou de comportamento em público. Todo tipo de ideia que carrega consigo uma importância para nossa consciência é um valor.

Vamos citar exemplos bem atuais. A preservação do meio ambiente passou a ser um valor para a humanidade quando se percebeu a falta de sustentabilidade do modelo que utiliza de forma abusiva os recursos do meio ambiente, gerando poluição, extinção e desequilíbrio.

Há aspectos da vida social em torno dos quais não existe um consenso de valores, e é possível encontrarmos coisas opostas. Por exemplo, sobre o tema "trabalho", podemos levantar uma multiplicidade de valores, como dignidade e esperança, realização e motivação. Mas também encontramos o trabalho relacionado a valores como sofrimento, mal necessário, martírio.

Você consegue pensar em outros exemplos que ilustrem essa ideia sobre as regras e valores de nossa sociedade atualmente? Faça esse exercício por alguns instantes. Relacione aspectos de nossa vida social, como a família, as amizades, o lazer, e procure fazer uma lista dos valores relativos a cada um deles.

Depois de fazer isso, você vai perceber como os valores vão mudando com o passar do tempo e como é necessário que se compreenda esse movimento da cultura em torno dos valores e das regras.

---

<sup>19</sup> Essa frase representa certas falácias sociais, uma vez que essa divisão é inexistente e foi construída pela sociedade que dá supremacia a resultados práticos, não discutiremos aqui todo o problema que envolve tal afirmação pelo senso comum. Mas é importante que você saiba que ela está sendo usada como recurso de lógica e não no seu sentido literal, e que as ideias embutidas nela são errôneas.

Toda cultura sofre uma constante transformação, a cultura é algo vivo e dinâmico. Por mais que uma sociedade pareça "congelada", há sempre algumas coisas que mudam com o tempo.

Estar preparado para entender as mudanças de nossa época, e se posicionar como indivíduos capazes de construir uma opinião é um grande desafio.

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (Laraia, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005)

Ser conservador sempre pode transformar uma pessoa em inflexível e preconceituosa. Por outro lado, não refletir sobre as mudanças e abraçar todas as novas causas pode transformar uma pessoa em alguém pouco confiável para tecer julgamentos, por incapacidade de se posicionar.

Um bom caminho para saber se posicionar, em relação às atitudes muito simples do cotidiano até as questões maiores que colocam em risco a ordem das coisas, é tentar ponderar considerando os seguintes aspectos.

As mudanças/ inovações beneficiam a quem e por quê?

As mudanças/ inovações prejudicam a quem e por quê?

Assim, podemos considerar, de forma mais justa, a necessidade ou não da defesa das inovações ou da manutenção da ordem.

### Saiba mais:

Na antropologia, a discussão a respeito da manutenção da tradição cultural ou de sua transformação tem uma longa lista de autores e pesquisas.

Normalmente, a importância dessa discussão se deve aos fenômenos do contato entre diferentes culturas, a que denominamos "contato cultural" ou "contatos inter étnicos". Os cientistas procuram compreender qual o impacto desse contato com o diferente em uma tradição.

Leia o trecho, a seguir, em que o autor Mércio Pereira Gomes coloca algumas observações importantes.

Além do aspecto físico, a cultura se reproduz, para usarmos um raciocínio tautológico, por meios próprios, culturais. O principal meio cultural de reprodução é a transmissão de significados culturais não só de geração a geração, mas no espaço de uma mesma geração, no cotidiano. Isso se dá por meio da linguagem e do comportamento ensinado, emulado e aprendido pelos novos membros da coletividade. Ao transmitir os significados que a caracterizam, a cultura ao mesmo tempo se mantém. No processo de transmissão, que se dá no tempo, ela pode criar novos significados e, portanto, mudar. A cultura tem meios e instituições de autopreservação e conservação que lhe permitem funcionar com estabilidade – e, por conseguinte, dar confiança aos indivíduos que a vivenciam. São meios de conservação a língua, entendida aqui como o compartilhamento dos significados das palavras para a transmissão de mensagens; os modos de educação, formais e informais, que também podemos chamar de "enculturação"<sup>20</sup>, isto é, o tornar-se membro de uma cultura; as maneiras de sociabilidade; as instituições como casamento e família. Os rituais de solidariedade social, e muito mais. (Gomes, Mércio P. *Antropologia – ciência do homem, filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2009)

### Síntese

Para ser possível a vida em sociedade, precisamos de valores comuns e regras que orientem nossa conduta pessoal. Ao longo de nossas vidas, aprendemos constantemente as formas mais adequadas de conduta em cada ambiente social por meio dos processos de socialização.

Os valores e regras estão em constante mudança, e são uma importante referência para o comportamento dos indivíduos em relação às suas consciências. Cada indivíduo procura agir de acordo com o que entende ser correto, também emite julgamentos ou toma exemplos alheios como lições de boa conduta social.

### Sugestão de leitura complementar

Gomes, Mércio P. *Antropologia – ciência do homem, filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2009.

Laraia, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Passador, Luiz Henrique. "A noção de regra: princípio da cultura, possibilidade de humanidade"; in Guerriero, Silas. *Antropos e psique – o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

## EXERCÍCIOS

1) As regras de uma sociedade estão relacionadas com os seguintes fenômenos:

- Necessidade do grupo de impor sua vontade sobre as vontades individuais, para conseguir, assim, anular nosso lado pessoal.
- Apenas existem regras aplicadas aos interesses que são mais importantes, enquanto coisas como sentimentos ou ideias estão livres de regras.
- As regras existem para que o grupo social permaneça sempre o mesmo.

<sup>20</sup> Enculturação é o mesmo que endoculturação, conceito utilizado.

- d) As regras possibilitam que cada indivíduo consiga estabelecer uma comunicação com o mundo, dando sentido a tudo que o cerca.
- e) As regras são resultado de nossa comunicação de massa, que tornou os símbolos cada vez mais semelhantes em todos os lugares.

2) Ao analisar as funções das regras na cultura, **está incorreto** afirmar que:

- a) As culturas como um todo são ordenadas a partir de regras que possibilitam comportamentos padronizados que se tornam habituais.
- b) As regras possibilitam a produção e a troca de significados compartilhados e, portanto, de comunicação e compreensão.
- c) As regras retiraram o ser humano dos domínios e das imposições da natureza por meio dos instintos, colocando-o nos domínios da cultura.
- d) Os homens produzem formas de organizações coletivas fundamentadas num corpo de regras compartilhadas.
- e) As regras servem apenas para limitar a atividade humana e punir os que não obedecem.

3) Normas e valores são conceitos que se referem a diferentes fenômenos do comportamento humano. A respeito da relação entre normas e valores, assinale a alternativa correta.

- a) Os valores não influenciam nas normas, uma vez que as normas são regras de conduta em sociedade, e os valores são apenas ideias.
- b) As normas de uma sociedade são sempre produzidas pelos valores, pois as normas são a garantia da sociedade para que todos tenham atitudes desejáveis.
- c) Os valores influenciam as normas apenas em pequenos grupos dentro de uma sociedade, garantindo o consenso entre seus indivíduos.
- d) A única relação entre normas e valores em uma sociedade acontece no momento em que os indivíduos não agem de acordo com as regras, sendo punidos moralmente em seus valores por isso.
- e) A relação entre normas e valores é definida quando um pequeno grupo consegue ser o mais influente dentro de uma sociedade e os impõe aos demais.

4) Segundo o antropólogo Roque de Barros Laraia, a mudança de valores e hábitos em uma cultura pode ter duas fontes, uma interna e outra externa. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

- a) As mudanças internas são provocadas pelo contato com uma cultura diferente, enquanto as externas são causadas por fenômenos que não dependem da vontade dos indivíduos, como catástrofes climáticas.

- b) Mudanças internas resultam sempre e unicamente do choque de gerações, enquanto as externas são resultantes das influências de novas descobertas revolucionárias.
- c) As internas seriam aquelas que resultam da ação do tempo em uma sociedade, sem qualquer influência de fora e que podem ser aceleradas por grandes descobertas tecnológicas; já as externas resultam do contato com outros povos.
- d) Chamamos "mudanças internas" aquelas que são resultantes das guerras e revoluções sociais dentro de uma sociedade; já as "mudanças externas" são resultado do choque de gerações e das descobertas de povos antes desconhecidos.
- e) Internas seriam as mudanças que acontecem naturalmente, ou seja, sem que as pessoas percebam, e que não precisam de conflitos; já as externas são mudanças que exigem disputas dentro da sociedade, resultando normalmente na vitória de um grupo externo à tradição.

**5)** Toda cultura está em constante mudança, não apenas em sua tecnologia, mas também em suas regras e valores. Podemos perceber isso através das condutas de seus indivíduos. A esse respeito, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Toda mudança de valores afeta as relações sociais, pois muitas vezes um comportamento que vai contra as regras instituídas gera conflito entre os indivíduos, podendo resultar em tratamentos desmoralizantes.
- b) As mudanças de valores costumam ocorrer após disputas em um grupo social, pois uma parte dele pode defendê-las, enquanto outros resistem e não as aceita.
- c) Os conservadores sempre aceitam melhor as mudanças, enquanto os grupos mais abertos às inovações resistem e costumam rejeitá-las.
- d) Os grupos mais abertos às inovações sempre aceitam melhor as mudanças, enquanto os conservadores resistem e costumam rejeitá-las.
- e) As mudanças de regras e valores demonstram que toda cultura é dinâmica, viva.

**6)** A língua e a cultura são conceitos que correspondem a fenômenos sociais importantes para compreender a sociedade humana. Sobre a relação entre língua e cultura, assinale a alternativa correta.

- a) Língua e cultura são sistemas que dependem de regras e não existem separadamente; as línguas humanas são uma forma de dar expressão à cultura de um povo, e as culturas precisam da língua para permitir a interação entre seus membros.
- b) A língua é anterior à cultura e não depende dela, pois em sua evolução o ser humano desenvolveu a linguagem para permitir que os indivíduos tivessem liberdade de pensamento e não dependessem apenas das regras sociais.
- c) A cultura depende de regras sociais para padronizar a conduta dos indivíduos de um grupo social, enquanto a língua depende da criatividade e da ausência de regras.

- d) Tanto a língua como a cultura são fenômenos que podem ser observados apenas através do comportamento coletivo, pois os indivíduos não podem interferir em nenhuma delas.
- e) Língua e cultura dependem de uma evolução de padrões; essa evolução, às vezes, pode resultar de descobertas individuais, mas geralmente ocorre quando uma sociedade é mais bem preparada para inovar e liderar o ritmo das mudanças.

**7)** Considerando que as regras e os valores de uma cultura são formas de orientar as condutas de cada indivíduo, e que são fatores dinâmicos em constante mudança, responda a questão a seguir.

Como o grupo social pode reagir às tentativas de mudanças nas regras e valores instituídos? Em sua explicação, dê exemplos de como isso pode ser percebido no dia a dia.

---

---

---

---

---

---

### Resolução dos exercícios

**1)**

- d) As regras possibilitam que cada indivíduo consiga estabelecer uma comunicação com o mundo, dando sentido a tudo que o cerca.

**2)**

- e) As regras servem apenas para limitar a atividade humana e punir os que não obedecem.

**3)**

b) As normas de uma sociedade são sempre produzidas pelos valores, pois as normas são a garantia da sociedade para que todos tenham atitudes desejáveis.

**4)**

- c) As internas seriam aquelas que resultam da ação do tempo em uma sociedade, sem qualquer influência de fora e que podem ser aceleradas por grandes descobertas tecnológicas; já as externas resultam do contato com outros povos.

**5)**

- c) Os conservadores sempre aceitam melhor as mudanças, enquanto os grupos mais abertos às inovações resistem e costumam rejeitá-las.

6)

a) Língua e cultura são sistemas que dependem de regras e não existem separadamente; as línguas humanas são uma forma de dar expressão à cultura de um povo, e as culturas precisam da língua para permitir a interação entre seus membros.

7)

A sociedade reage às mudanças nas regras e valores, basicamente, de duas formas: aceitação, defendida pelos inovadores; e rejeição, defendida pelos conservadores. É possível perceber no dia a dia que muitas vezes os inovadores são repreendidos e até humilhados, enquanto os conservadores são os que humilham. Você pode ter citado exemplos relacionados à sexualidade, ao uso de tecnologias ou ao vestuário etc.

### **6 CADA POVO UMA CULTURA, CADA CULTURA UMA SENTENÇA: A DIVERSIDADE CULTURAL**

#### **Objetivos**

Tentar compreender outra cultura é um exercício muito parecido com o de tentar compreender o outro, ou seja, alguém que pensa bem diferente de você.

Entrar em contato com diferentes perspectivas ou formas de reagir ao contato com as diferenças culturais traz um aprendizado maior do que pode parecer. Possibilita uma flexibilidade pessoal para compreender que, ao aceitar o ponto de vista do outro, pode-se enriquecer a visão de mundo pessoal.

Assim é quando aprendemos a compreender o diferente, desde outra pessoa até outro povo.

Aprender com o relativismo cultural essa possibilidade de se colocar no lugar do outro, é ampliar as possibilidades de soluções criativas.

#### **Introdução**

Existe uma tendência no senso comum a classificar as diferentes culturas em graus evolutivos. Frases como: "que povo atrasado!", "isso sim é um povo evoluído!" são corriqueiras em nosso cotidiano. Mas dificilmente nos questionamos sobre o que estamos considerando para julgar alguém dessa forma.

A antropologia entrou nesse debate na segunda geração de pesquisadores<sup>21</sup>, que ao conhecer mais profundamente a diversidade cultural por meio da pesquisa de campo, apontou a impossibilidade de tais julgamentos.

---

<sup>21</sup> A chamada primeira geração de antropólogos inclui os primeiros pesquisadores do século XIX, que jamais saíram da Europa para conhecer os povos sobre os quais teorizavam. Já a chamada "segunda geração" chegou logo depois, a partir dos primeiros anos do século XX, e praticavam a "pesquisa de campo", que supõe a permanência entre os membros da cultura observada.

### Principais conceitos

Etnocentrismo, relativismo cultural, diversidade cultural, alteridade, cultura avaliada *versus* cultura primitiva, endoculturação, aculturação.

Ao formar uma coletividade, o ser humano desenvolve hábitos de convívio e soluções para sua vida social que podem ser extremamente variados. A isso denominamos diversidade cultural. Nossa reação perante as diferenças de comportamento de um lugar para outro podem ser orientadas de duas formas: ou pelo etnocentrismo ou pelo relativismo cultural. Neste item serão abordadas a rejeição do diferente (representada pelo etnocentrismo) e a aceitação do diferente (representada pelo relativismo).

Estamos o tempo todo em contato com universos culturais diferentes do nosso, seja com outros povos, seja com costumes regionais. Por isso, é importante exercitarmos nossa capacidade de relativizar as diferenças, considerando a perspectiva a partir da qual o "outro" vê o mundo.

A antropologia nega a existência de culturas em estágios de evolução ou primitivismo, e desenvolveu o relativismo cultural para refletir sobre as diferenças entre as muitas culturas humanas.

### 6.1 A diversidade cultural

Vamos nos dedicar a refletir sobre a diversidade cultural.

Vimos, nos itens anteriores, que a cultura é um fenômeno produzido pelo ser humano, mas que depende da condução da coletividade, ou seja, ela é construída socialmente, e não herdada biologicamente. Isso faz com que em cada lugar e em cada época histórica, exista uma imensa diversidade de regras, símbolos e formas de conduzir a vida coletiva. É o que chamamos de diversidade cultural.

Podemos considerar algumas consequências deste fato. O primeiro deles, é que em cada cultura o ser humano desenvolve respostas e soluções, às vezes, completamente originais e diferentes para sua vida em sociedade. Isso acontece tanto em relação às técnicas de sobrevivência e transformação da natureza à sua volta, como nas regras de convívio social.

Vimos anteriormente em outros itens, que mesmo em meio ambientes muito semelhantes, podemos encontrar exemplos de formas culturais bastante diferentes entre si.

A outra consequência da diversidade cultural é que, quando colocadas em contato, as diferenças culturais suscitam reações que podem ir da simples admiração ou humor até o ódio mais violento. Quando essa reação ao diferente faz com que as pessoas julguem a sua própria cultura como sendo superior à outra, chamamos a isso **etnocentrismo**.

Etnocentrismo é uma visão do mundo em que o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos a partir dos nossos valores, nossos modelos e nossas definições do que é a existência.

No plano intelectual, esse pensamento pode ser visto como a dificuldade em aceitar que a diferença de lógicas e sentidos possa existir; no plano afetivo, o etnocentrismo pode ser percebido em sentimentos de estranheza, medo, hostilidade etc.

Para compreender o conceito de etnocentrismo, vemos que "etno" vem da palavra etnia, que significa um povo que compartilha a mesma base cultural – língua, tradições, religião – e "centrismo" significa colocar no centro. Portanto, praticar o etnocentrismo é o mesmo que colocar minha própria cultura como centro do mundo, a partir da qual todas as outras são comparadas inferiormente, nunca se igualando à superioridade da minha.

Todos nós somos, em alguma medida, etnocêntricos, pois é natural preferirmos nosso próprio modo de encarar o mundo ao de qualquer outro povo. Portanto, guardadas as devidas proporções, o etnocentrismo nada mais é que uma forma de valorizar a própria identidade cultural.

Mas o etnocentrismo pode ser um problema quando se torna uma forma sistemática e repetitiva para enfrentarmos a diferença, pois assim nos tornamos incapazes de ser flexíveis e admitir novas formas de solucionar as coisas.

Ou pior ainda, quando o etnocentrismo se torna tão radical que uma etnia deseja exterminar a outra simplesmente por não tolerar seus costumes e sua forma de encarar o mundo, ou quer dominar o outro, sufocando suas regras, leis e costumes até que nada de sua originalidade tenha sobrevivido.

Atualmente, temos vários exemplos de "guerras étnicas" no mundo, tanto guerras de fato – para citar a Bósnia, ou a Tchetchênia – quanto guerras que acontecem por causa do "imperialismo cultural", que é quando uma cultura se impõe sobre outras exercendo influências no cotidiano e se utilizando do mercado, dos meios de comunicação ou qualquer outra forma de participar dos hábitos de seus indivíduos e influenciá-los a agir de outra forma.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais.

O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista. Os Cheyene, índios das planícies norte-americanas, se autodenominavam "os entes humanos"; os Akuáwa, grupo Tupi do Sul do Pará, consideram-se "os homens"; os esquimós também se denominam "os homens"; da mesma forma que os Navajo se intitulavam "o povo". (...)

Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros (Laraia, R. B. *Cultura*, um conceito antropológico, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003).

A diversidade cultural pode ser encontrada não apenas de um povo para outro, de um lugar para outro, mas, por exemplo, dentro de um mesmo país. Aqui no Brasil, conhecemos o fenômeno dos "regionalismos", que são costumes que mudam de uma região para outra, e como resultado temos um país rico em culturas locais.

Além disso, sentimos as diferenças culturais entre pessoas que moram em grandes centros urbanos e aquelas que habitam em pequenas cidades do interior. Mudam alguns aspectos da cultura brasileira entre esses diferentes ambientes sociais (de uma região para outra, da cidade para o campo).

É possível perceber a diversidade cultural quando um grupo social tem dificuldades em aceitar o modo dos "outros" fazerem as coisas.

Os cidadãos urbanos, tendem a achar "atrasadas" as localidades em que ainda não chegaram os *shopping centers*, as grandes avenidas, os viadutos, o aglomerado humano e cultural das grandes cidades. A vida no interior tem outros hábitos, outro ritmo, outras preocupações cotidianas. Assim, de forma etnocêntrica, as pessoas tendem a achar que falta "agitação", "opção", como se não houvesse "o que fazer" em um lugar menos denso populacionalmente.

A diversidade cultural existe em dois níveis, de uma grande cultura para outras e dentro de uma mesma cultura. Esses níveis são percebidos na experiência social quando se sente que, independentemente do Estado de origem, temos muita coisa em comum, que nos fazem pertencer a um mesmo complexo cultural, uma nacionalidade.

A diversidade cultural existe tanto de um povo para outro ou de uma nação para outra, como dentro de uma mesma cultura.

Entretanto, de uma região para outra ou de um tipo de ambiente social para outro, existem variações que tornam esse povo único, especial. Existe uma imensa variação possível dos hábitos culturais dentro de um único país: O uso da linguagem, a alimentação, o trato social, o tipo de humor etc.

Na linguagem antropológica, quando estamos lidando com uma pessoa com hábitos diferentes do nosso, com outra cultura, estamos perante o "outro". Esse outro pode ser alguém que não fala a minha língua, que não se veste como eu, mas também pode ser alguém que compartilha muitos hábitos semelhantes aos meus, e outros nem tanto.

A nossa capacidade em nos relacionar com o "outro" é chamada de **alteridade**. Essa capacidade nos torna pessoas mais flexíveis e mais criativas em soluções, pois ampliamos nosso universo de visão do mundo, saindo da própria "casca".

**Alteridade** (ou outridade) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo).

Dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato (fonte: Wikipedia, disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>>, acesso em 02 de novembro de 2010).

Quanto mais fechados em nosso próprio universo cultural menos possibilidades temos de compreender a riqueza humana em criar diferentes perspectivas para uma mesma questão.

Para compreender a importância de aprofundar a reflexão sobre o contato com o outro ou com a diferença, leia esse trecho, a seguir, em que a autora Neusa M. M. de Gusmão, demonstra que os tempos mudaram, e isso exige uma conduta diferente por parte da sociedade.

Se no passado o outro era de fato diferente, distante e compunha uma realidade diversa daquela de meu mundo, hoje, o longe é perto e o outro é também um mesmo, uma imagem do eu invertida no espelho, capaz de confundir certezas, pois não se trata mais de outros povos, outras línguas, outros costumes. O outro, hoje, é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido. O desafio da alteridade é assim, mais contundente agora do que no passado, em que a imposição pela força era suficiente para definir hierarquias e papéis, subjugando em nome de princípios científicos, morais e religiosos. (Gusmão, Neusa M. M., *Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro*, in *Cadernos de Pesquisa*, nº 107, julho/1999, p.41-78, texto disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a02.pdf>>, acesso em 02 de novembro de 2010)

Você considera o brasileiro etnocêntrico?

Pense um pouco sobre essa questão. Normalmente o brasileiro se julga pouco patriota e muito aberto às influências externas. O brasileiro sabe que aceita a presença de outros povos de forma muito mais cordial que a população de muitos outros lugares. Pensando assim, nos falta etnocentrismo, é bem verdade.

Entretanto, o brasileiro se julga o povo mais receptivo, informal e alegre do mundo. Isso é uma forma de etnocentrismo. Negamos a outros povos a alegria, nos colocando como superiores nessa questão.

Ou, ainda, podemos lembrar que em relação aos outros povos da América Latina, o brasileiro se considera "melhor" ou "superior". Por isso, somos etnocêntricos sim! E vale lembrar que o etnocentrismo pode acontecer dentro de um mesmo país, como o nosso, que comporta diferentes regiões culturais.

O paulista, por suas próprias razões, se considera "melhor" ou "mais trabalhador" que o carioca, e vice-versa; "nordestino" ou "baiano" virou apelido pejorativo no Centro-Sul, utilizado de forma preconceituosa e ofensiva. Os baianos por sua vez, acusam os paulistas de serem um povo sem tradições próprias ou identidades, e assim seria possível seguir com muitos exemplos. Todas essas são formas de etnocentrismo.

Veja o que Roque de Barros Laraia coloca sobre o assunto: "Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais (Laraia, R. B. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005).

Existe uma oposição ao etnocentrismo? Sim, é o que chamamos de **relativismo cultural**.

Quando somos capazes de avaliar uma cultura alheia, sem utilizar o tempo todo a nossa própria cultura como parâmetro de comparação, estamos relativizando. O relativismo cultural faz parte da antropologia desde meados do século XX, quando muitos pensadores passaram a defender que não era correto um cientista julgar algumas culturas como "evoluídas" ou "atrasadas" em relação às outras. Para isso, usaram argumentos sobre a falta de imparcialidade nesse tipo de pensamento.

Quando julgamos a totalidade de uma cultura como "evoluída", sugerimos que ela está avançada ou melhorada em relação às outras que devem seguir esse mesmo rumo de modificações.

A pergunta que a antropologia colocou é: existe uma única forma de evolução cultural? Todas as culturas devem, necessariamente, evoluir na mesma direção? Se a resposta que você der for afirmativa, então, deveremos levantar alguns problemas.

O relativismo cultural é uma atitude que exige que o observador se coloque no lugar do outro para julgar as situações a partir de uma perspectiva relativa ao outro, e não a si mesmo. Por isso, exige a alteridade.

O que podemos considerar como evolução?

O relativismo cultural rompe com a noção de uma história e uma cultura únicas e comuns a todos os povos, assumindo que cada povo tem sua história particular, relativa às experiências que cada um viveu naquele tempo e espaço em que se inserem (Passador, L.H. *O campo da antropologia, in Antropos e psique - o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2003).

Podemos dizer que evolução são conquistas tecnológicas? Será que a tecnologia é um quesito suficiente para garantir que uma cultura seja superior?

Nas sociedades de tecnologia avançada, atualmente, os indivíduos trabalham pelo menos oito horas diárias para sobreviver, e necessitam de, pelo menos, 15 anos de estudos para garantir um nível "médio" de qualidade de vida. Quanto menor for o investimento de tempo e recursos para os estudos, menor serão os rendimentos garantidos para a família. Assim, se não quisermos nos submeter a uma vida materialmente difícil e com poucos recursos, temos que investir bastante em nossa qualificação profissional.

Essa situação é completamente diferente em uma tribo, em que a tecnologia se resume aos instrumentos de sobrevivência, como arados, machados e teares. Um indivíduo de uma tribo brasileira,

por exemplo, trabalha, em média, três horas diárias, e não frequenta um dia sequer em escolas. Ele não precisa se preocupar com sua qualidade de vida, pois todos em uma tribo possuem exatamente o mesmo nível econômico<sup>22</sup>. Sua qualificação para o trabalho se dá durante seus contatos com indivíduos mais experientes, e as crianças participam com os adultos de todas as atividades, sendo submetidas desde cedo às estratégias de sua cultura para sobreviver. Como a sociedade não conhece diferenças econômicas, não existe criminalidade, violência ou problemas sociais, como drogas, prostituição e doenças mentais.

Você pode ter uma ideia de como uma economia como a dos índios, que nos acostumamos a chamar de "economia de subsistência", por não produzir excedentes para o mercado, pode ser encarada de forma muito contrária à ideia de "miséria" ou de "condição precária". Leia abaixo:

Os índios, efetivamente, só dedicavam pouco tempo àquilo a que damos o nome de trabalho. E apesar disso, não morriam de fome. As crônicas da época são unânimes em descrever a bela aparência dos adultos, a boa saúde das numerosas crianças, a abundância e variedade dos recursos alimentares. Por conseguinte, a economia de subsistência das tribos indígenas não implicava, de forma alguma, a angustiada busca, em tempo integral, por alimento. Uma economia de subsistência é, pois, compatível com uma considerável limitação do tempo dedicado às atividades produtivas (Clastres, P. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990).

O trecho demonstra que não há, entre os indivíduos das sociedades de economia de subsistência, qualquer sentimento ou evidência de escassez ou penúria. O autor, Pierre Clastres defende que essas sociedades não são incapazes de desenvolver tecnologia e não desejam produzir excedentes. Para eles, o valor fundamental é o tempo livre, e não a riqueza acumulada individualmente (Clastres, 1990).

Jacques Lizot, que vive há muitos anos entre os índios Yanomami da Amazônia venezuelana, estabeleceu, cronometricamente, que a duração média do tempo que os adultos dedicam todos os dias ao trabalho, incluídas todas as atividades, mal ultrapassa três horas. Não chegamos, pessoalmente, a realizar cálculos desse gênero entre os Guayaki, caçadores nômades da floresta paraguaia. Mas pode-se assegurar que os índios - homens e mulheres - passavam pelo menos a metade do dia em quase completa ociosidade, uma vez que a caça e a coleta se efetuavam, e não todos os dias, entre, mais ou menos, 6 e 11 horas da manhã. É provável que estudos desse gênero, levados a efeito entre as últimas populações primitivas, resultassem - consideradas as diferenças ecológicas - em resultados muito parecidos (Clastres, P. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990).

<sup>22</sup> Denomina-se "sociedades de economia igualitária" os modelos de organização social e econômica que não geram desigualdades e hierarquia entre os indivíduos, em termos de poder econômico; e "sociedades de economia desigualitária" aqueles modelos que geram essa desigualdade. A nossa sociedade é desigualitária. Para aprofundar esse assunto, é recomendada a leitura de: Gomes, Mércio P. *Antropologia*. São Paulo: Contexto, 2009 (Especialmente o capítulo "Antropologia Econômica").

Desse ponto de vista, será que ainda é sustentável afirmarmos que a tecnologia é o quesito mais importante para tornar uma sociedade evoluída? Podemos mesmo sustentar que evolução pode ser resumida em avanço tecnológico?

A antropologia defende que isto não é possível, e que precisamos considerar cada aspecto de uma cultura dentro de seu próprio contexto, comparativamente a outras, mas cada uma dentro de seus próprios valores. Portanto, existem tecnologias e tecnologias. Quando o conceito de tecnologia vem associado à destruição ambiental, à exclusão social, ao monopólio de conhecimentos e à acumulação de riquezas, podemos afirmar que acontece evolução? As ciências sociais afirmam que não.

Assim, não podemos generalizar nossas comparações, não podemos julgar com preconceitos, ou seja, antes é necessário conhecer e ponderar as implicações e os aspectos de cada traço de uma cultura, como sua tecnologia, seu conhecimento, suas leis ou suas crenças.

Isso é relativizar, analisar cada aspecto de uma cultura de acordo com seu próprio contexto. Por isso, a antropologia nega a existência de uma hierarquia de culturas, que começaria com as mais "primitivas" ou "atrasadas" e iria até o topo das mais "avançadas" e "evoluídas".

Essa escala única, dentro da qual teríamos que encaixar e classificar cada cultura, só faz sentido se aceitarmos que um índio precisa se transformar no futuro em um operário, em um executivo engravatado ou em um cientista. As culturas não precisam produzir, necessariamente, o mesmo tipo de sociedade, cada uma vai construindo sua própria história e suas próprias soluções de mundo. Cada uma "evolui" ao seu próprio modo.

Relativizar é aceitar outras soluções de mundo, sem querer transpor de forma simples essa solução para um contexto onde ela não se encaixa. Os brasileiros não se adaptam à forma de trabalhar dos orientais, mas podem usar seus conceitos, adaptando-os às suas características, trazendo-os ao seu contexto<sup>23</sup>.

O valor da hierarquia para os orientais é tão fundamental, que muitas vezes não compreendemos sua obsessão em obedecê-la. Acabamos chamando a isto de "submissão", quando na verdade é um fenômeno mais complexo que isto. Se não compreendemos a importância da hierarquia para os orientais em toda sua profundidade, podemos valorizar uma chefia que conduz sua equipe a um trabalho bem sucedido, ou um subordinado que desempenha brilhantemente suas tarefas. Valorizar e respeitar alguém superior ou inferior na escala de divisão de tarefas são componentes da hierarquia.

O etnocentrismo e o relativismo cultural são formas opostas de agir em relação ao "outro". Pode haver uma gradação ao utilizá-los. Não devemos ser tão etnocêntricos a ponto de odiar o outro, e não devemos relativizar princípios que são universais e preservam a integridade de qualquer ser humano.

<sup>23</sup> Há hoje na antropologia um intenso debate sobre o valor do relativismo cultural. Isso porque se considera que seu uso é exagerado e se levado à risca, impede o debate da ética entre as diferentes culturas. Assim, não poderíamos jamais julgar o outro como errado, pois não existiriam princípios éticos universais, como os Direitos Humanos. Mas, guardados esses radicalismos, o relativismo cultural cumpre um importante papel científico e humano ao valorizar a existência dos "outros".

Quanto mais exposta à diversidade cultural, mais exercícios de alteridade uma pessoa precisa desenvolver. Aprendemos a julgar o mundo a partir dos valores de nossa cultura, e isto é necessário em nossas vidas. Mas nenhum de nós possui a totalidade do conhecimento de nossa própria cultura, e nenhuma cultura é isoladamente perfeita. Portanto, a riqueza da diversidade cultural está em mostrar diferentes pontos de vista para questões semelhantes.

É preciso considerar que em qualquer sociedade todos os indivíduos são influenciados pela visão de mundo de sua cultura para fazer julgamentos.

A diversidade cultural é tão importante para a humanidade quanto a diversidade biológica. Sem o equilíbrio e a convivência entre as diferentes culturas, teríamos, com certeza, uma humanidade mais pobre, na qual a troca de experiências se limitaria a repetir sempre as mesmas soluções. Respeitar e saber aproveitar a diversidade são desafios para o mundo futuro.

Abaixo, você tem a oportunidade de ler um trecho do documento produzido pela 31ª Conferência Geral da Unesco, ocorrida, em Paris, em novembro de 2001. Trata-se da "Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural". O documento é disponibilizado para consulta eletrônica e é apresentado como: "um instrumento legal que reconhece, pela primeira vez, a diversidade cultural como 'patrimônio comum da humanidade' e considera sua guarda um imperativo concreto, inseparável do respeito à dignidade humana"<sup>24</sup>.

### Identidade, diversidade e pluralismo

Artigo 1 – A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade.

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica é para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras (disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>, acesso em 03 de novembro de 2010).

Na última década, a diversidade cultural se tornou um tema importante em muitos setores da sociedade. O tema "diversidade" pode ser encontrado em artigos que procuram desenvolver novas condutas em muitas esferas de atuação profissional. Como, por exemplo, as áreas de gestão e administração de empresas, educação, publicidade, jornalismo, *marketing*, arquitetura, *design*, entre outras.

## 6.2 Cultura e visão de mundo

A cultura humana, em sua diversidade, não se expressa apenas através de diferentes formas de vestuário, culinária, hábitos cotidianos e rituais. Pois é, sobretudo, através dos conceitos que aprendemos em nossa endoculturação que somos capazes de atribuir qualidades e significados à vida.

<sup>24</sup> Tradução livre do original em inglês. Disponível em: <[http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL\\_ID=2977&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=2977&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)>, acesso em 03 de novembro de 2010.

Endoculturação se refere aos processos de aprendizado dos valores e hábitos de nossa cultura, do lugar onde nascemos. Você se lembra do conceito de socialização, não é mesmo? A socialização nos capacita a sermos membros de uma sociedade, a nos comportar coletivamente. Já a endoculturação é um processo em que, alguns valores, ideias, hábitos e crenças de nossa cultura são tão internalizados por cada indivíduo, que se tornam quase inconscientes. Inconsciente, no contexto, significa que o indivíduo não percebe como algo foi aprendido, e esse aprendizado está tão inculcado que parece fazer parte de nossa natureza, ou personalidade.

Ao passarmos por processos de endoculturação, estamos nos tornando membros desta cultura, sendo aceitos como "iguais", por compartilharmos, em grande parte, a mesma visão de mundo. Não temos consciência de que certas condutas foram aprendidas, por isso, passam a nos parecer naturais, pertencentes de nossa própria vontade e de nossos próprios impulsos.

A antropóloga Ruth Benedict é autora de uma frase muito explicativa e poética para definir cultura. Ela afirma que cultura "são as lentes através das quais vemos o mundo".

Pois bem, em sua afirmação podemos compreender que entre o mundo que nos rodeia e seu intérprete (nossa mente) existem lentes, uma espécie de "filtro" que possibilita conceituar, qualificar e dar sentido a tudo que nossa mente apreende. Essa lente nunca é neutra, e a cultura a carrega com seus valores. Em cada uma delas, o ser humano interpreta de forma diferente o que vê, como entender fenômenos e situações, como julgar e conceituar tudo que acontece à sua volta, e até mesmo em sua própria mente.

O que se afirma é que não existe uma total objetividade na forma como o ser humano observa, apreende e conceitua o mundo. Existem, na verdade, métodos de conhecimento que podem chegar a uma maior objetividade, como a ciência ou a filosofia. Já o senso comum e as religiões não exigem objetividade, pois são formas de conhecimento atravessadas por valores muito próprios, dos quais não podem abrir mão. No caso do senso comum, as afirmações são feitas sem qualquer pesquisa ou indagação; para as religiões, existem os princípios de fé em preceitos e dogmas que afirmam verdades sobre o mundo.

- **Visão de mundo e senso comum:** Quando conversamos sobre o mundo baseados no senso comum, afirmamos aquilo que nossa cultura nos ensina ser verdadeiro, pois tudo é visto através de suas lentes.
- **Visão de mundo e religião:** Quando conversamos sobre o mundo baseados em uma religião, afirmamos aquilo que nossa fé nos ensina ser verdadeiro.
- **Visão de mundo e ciência ou filosofia:** Quando conversamos sobre o mundo baseados na ciência ou na filosofia, precisamos aceitar certas verdades, mesmo que não sejam adequadas à nossa moral, aos nossos princípios religiosos ou preconceitos.

Cada cultura possui uma forma específica de ver o mundo. No México, por exemplo, o catolicismo tem uma forte influência sobre a cultura popular e um grande sincretismo<sup>25</sup> com crenças astecas. Para a população desse país, o dia de finados, que na tradição católica é um dia de tristeza pela dor da perda, na cultura mexicana recebe o tratamento de uma festa alegre, com muita dança, música e culinária. É o chamado "dia dos mortos", cujas crenças afirmam que os antepassados adquirem vida e vêm visitar os lares de seus entes queridos. Por isso, eles "são recebidos" com muita alegria e fartura.

Para o povo havaiano, antes da colonização inglesa, as erupções vulcânicas eram explicadas como sendo uma forma de comunicação dos deuses com a tribo, e não como fenômeno da natureza.

Esses povos, e todos os outros com suas características marcantes, estão errados? Partindo da perspectiva de outras culturas, podemos afirmar que sim. Partindo da perspectiva de suas culturas, podemos afirmar que não. Pois visão de mundo é a forma como as pessoas interpretam o mundo de acordo com seus valores e reagem da forma adequada ao seu grupo social.

Existe a possibilidade de mudança nessas visões de mundo? Sim, a cultura é algo que está o tempo todo em transformação. Ao entrar em contato com outro povo, vários tipos de mudanças são possíveis, bem como o reforço de antigos valores culturais às vezes esquecidos ou "fora de moda".

Para uma parte dos antropólogos, quando uma cultura se modifica em função do contato com o "outro", seja em pequenos aspectos ou mesmo de forma avassaladora, podemos denominar **aculturação**. Isso acontece quando substituímos valores de nossa cultura original pelos valores de outras culturas. Este caso poderia ser aplicado ao exemplo acima do povo havaiano. Atualmente, após séculos de colonização inglesa e depois norte-americana, os havaianos já não explicam erupções como sendo "castigos dos deuses". Os índios brasileiros também sofreram alterações comportamentais, pois foram obrigados a substituir as línguas nativas pelo português, e a nudez pelas roupas europeias. Esses seriam exemplos de aculturação. Entretanto, muitos antropólogos não concordam com essa perspectiva.

Aculturação significa, literalmente, negar a cultura; perder a cultura. O prefixo "a" é ausência, negação. Utilizado por muitos cientistas sociais para descrever fenômenos de perda de tradições, de referenciais próprios. Mas muitos antropólogos entendem que não existe cultura totalmente pura, isolada ou que não aproveite traços e se deixe influenciar por outras. Afirmamos sempre que a cultura é dinâmica. Pois bem, se formos pensar rigorosamente, qual cultura não seria jamais aculturada? Nenhuma cultura cria sozinha, a não ser por total e completo isolamento, todo o conhecimento e técnicas de mundo.

As expressões "troca cultural", "empréstimo cultural", "aculturação, transculturação", "acomodação", "assimilação", "sincretismo" e outros termos correlatos foram muito utilizados

---

<sup>25</sup> Sincretismo é um fenômeno cultural e designa um processo em que um povo mescla diferentes influências religiosas e crenças ou misticismos, apesar da não aceitação por parte dos representantes oficiais dessas instituições e grupos.

pelos antropólogos norte-americanos, no sentido de que a cultura dominada adota características da cultura dominante. Estas categorias, usadas até os anos de 1960, depois caíram de moda quando se passou a refletir mais sobre o colonialismo e a dominação (Ferretti, Sergio. *Multiculturalismo e sincretismo*. Disponível em: <[www.gpmina.ufma.br/.../Multiculturalismo%20e%20Sincretismo.pdf](http://www.gpmina.ufma.br/.../Multiculturalismo%20e%20Sincretismo.pdf), acesso em 02 de novembro de 2010).

Apesar desse debate, podemos recorrer corretamente ao conceito de aculturação para muitos fenômenos que pretendemos explicar. Por exemplo, a influência da televisão sobre os valores de sociedades tradicionais, como os moradores do campo e das pequenas comunidades rurais, que passam a pensar como os moradores dos grandes centros urbanos.

Isto seria uma forma de aculturação? Sim, pois esses valores não estão sendo mudados em função de uma dinâmica própria, ou de necessidades reais, mas de um contato que se impõe por meio de um instrumento (televisão) sobre as comunidades locais, que não escolhem temas, produzem programas ou se qualificam para administrar essas empresas de comunicação.

### Saiba Mais

Os indivíduos se relacionam e interagem socialmente a partir de valores e hábitos culturais. Portanto, quando pessoas de culturas diferentes interagem, é correto afirmar que as culturas estão se relacionando. Leia o texto abaixo de Mércio P. Gomes.

Aqui chegamos ao importante tema do relacionamento entre culturas. Podemos dizer, com um pouco de licença poética, que as culturas se relacionam umas com as outras. Por exemplo, a cultura brasileira se relaciona com a cultura norte-americana ou com as culturas indígenas. É certo que são os indivíduos que se relacionam uns com os outros; mas ao fazerem, ao lado de trocarem bens e produtos, transmitem e recebem valores, ideias, pensamentos, modos de comportamento que são absorvidos, isto é, "emprestados", de propósito ou até inconscientemente (...) (Gomes, M. P. *Antropologia*. São Paulo: Contexto, 2009).

Para aprofundar as questões levantadas pelo contato entre as diferentes culturas, e a interferência da visão de mundo de um povo, você pode ler o capítulo "A cultura condiciona a visão de mundo do homem", no livro *Cultura – um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia, citado na bibliografia.

### Síntese

A diversidade cultural expressa a infinita capacidade humana em produzir diferentes visões de mundo. Não existem culturas atrasadas ou avançadas, mas, sim, uma multiplicidade de soluções para a vida humana. Somos seres endoculturados e nossa visão de mundo equivale grandemente aos valores de nossa própria cultura. Podemos reagir ao contato com o "outro" etnocentricamente ou a partir do relativismo cultural. O etnocentrismo revela a incapacidade de se colocar no lugar do outro, por julgá-

#### Leitura complementar:

Conceitos básicos da Antropologia e da Sociologia: <http://universia.com.br/mit/21/21A219/PDF/hobasicconcepts.pdf>

lo preconceituosamente como inferior. Quando nos colocamos no lugar do outro, é estabelecido o que se denomina relação de alteridade. O relativismo cultural e a postura de alteridade agregam valores ao ser humano, e o torna mais flexível ao debate, à convivência e a um tratamento mais justo em relação à diferença.

### - - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1) A cultura interfere em nossa "visão de mundo". Essa afirmação pode ser confirmada porque:

- a) Apesar de a realidade ser a mesma tanto para as culturas urbanas como para as indígenas, estas últimas acreditam que entendem menos da realidade do que a nossa sociedade.
- b) Em todas as culturas existe uma tendência de o ser humano explicar a realidade sempre de forma mística ou religiosa, por isso, nossa visão de mundo tende à busca pela espiritualidade.
- c) Todas as culturas têm a mesma visão de mundo, entretanto seus indivíduos não a conhecem, pois apenas os antropólogos são capazes de estudá-las.
- d) Em cada cultura, os indivíduos transformam em realidade um conjunto de conceitos diferentes, assim, para alguns o mesmo fenômeno pode ter caráter místico, enquanto para outros ele é apenas um evento natural.
- e) A visão de mundo não tem relação com as crenças, apenas com a realidade, que é objetiva e concreta (pode ser percebida pelos sentidos).

2) Perceber a importância de estudar as culturas humanas nos seus particulares. Perceber que cada grupo produz, a partir de suas condições históricas, climáticas, linguísticas etc, uma determinada cultura, que se caracteriza como única e específica. Estudar tais culturas a partir de seus contextos próprios, sem a interferência de visões estranhas. Todo esse panorama mostra o surgimento do(a):

- a) Etnocentrismo brando.
- b) Diálogo entre as etnias.
- c) Relativismo cultural.
- d) Liberdade de expressão.
- e) Respeito pelos grupos primitivos e menos desenvolvidos.

3) Para a antropologia, diante de uma cultura diferente da nossa, podemos ter uma atitude etnocêntrica, ou praticar o relativismo cultural. Nesse sentido, relativizar é:

- I. Não transformar a diferença em hierarquia, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferente.

- II. Exclusivo de uma determinada época, como, por exemplo, nos anos 1960 com a expansão das comunidades *hippies* que usavam influências orientais nas roupas.
- III. A visão que entende que as verdades da vida são uma questão de essência.
- IV. Compreender o "outro" no seu próprio contexto e nos seus próprios valores.

**Assinale a alternativa correta.**

- a) II, III e IV estão corretas.
- b) I e IV estão corretas.
- c) I, III e IV estão corretas.
- d) I, II e IV estão corretas.
- e) III e IV estão corretas.

4) Para uma pessoa que habita a cidade, a floresta é um conjunto desordenado de árvores, ao passo que os índios que nela vivem lhe dão um **significado qualitativo** (lendas, receitas) e veem nela também uma **referência espacial** (apontam caminhos, marcam lugares).

O oposto também é verdadeiro, ou seja, uma pessoa que habita a mata vê na cidade uma coleção confusa de ruas e edifícios, além de um movimento desordenado de pessoas e automóveis. Ao passo que para as pessoas que nela vivem, a cidade possui uma **ordem** física e espacial, e o movimento possui um sentido lógico.

**A afirmação acima está corretamente associada ao fato de:**

- a) A cultura influenciar em nossa visão de mundo, portanto em nossa percepção das coisas.
  - b) Em cada meio diferente (campo, floresta ou cidade), o indivíduo estar sujeito a uma forma diferente de lógica, que é determinada exteriormente.
  - c) Existir na afirmação uma nítida diferença de evolução entre cada cultura, e como a cultura urbana é mais evoluída, apenas quem participa de sua vida pode se habituar a compreender a cidade.
  - d) A afirmação estar errada, pois não existem diferenças na percepção que o ser humano pode ter de seu ambiente, já que a realidade é única para todos nós.
  - e) Faltar informações sobre as florestas nos meios de comunicação de massa, por isso existe dificuldade para uma pessoa do meio urbano se orientar espacialmente nelas.
- 5) Quando um povo expressa sentimento de superioridade em relação aos outros, desvalorizando qualquer elemento de outras culturas, o conceito correto é:

- a) Diversidade cultural.
- b) Etnocentrismo.
- c) Endoculturação.
- d) Tradição cultural.
- e) Radicalismo cultural.

**6)** Endoculturação é um processo relacionado à seguinte afirmação:

- a) Quando precisamos expressar sentimento de superioridade em relação às culturas alheias.
- b) Em cada cultura somos incentivados a transformar nossa herança cultural, pois ela não é resultado de determinações biológicas.
- c) Em cada cultura somos ensinados a agir e a pensar de forma coerente com os valores e princípios coletivos e os transformamos em nossos próprios valores.
- d) É característico de culturas onde a tradição é mais importante que a transformação.
- e) Quando precisamos explicar porque o comportamento individual às vezes não está de acordo com a expectativa do grupo.

### Resolução dos exercícios

**1)**

- d) Em cada cultura, os indivíduos transformam em realidade um conjunto de conceitos diferentes, assim, para alguns, o mesmo fenômeno pode ter caráter místico, enquanto para outros ele é apenas um evento natural.

**2)**

- c) Relativismo cultural.

**3)**

- b) I e IV estão corretas.

**4)**

- a) A cultura influencia em nossa visão de mundo, portanto em nossa percepção das coisas.

**5)**

- b) Etnocentrismo.

6)

C) Em cada cultura somos ensinados a agir e a pensar de forma coerente com os valores e princípios coletivos e os transformamos em nossos próprios valores.

### **7 DIFERENTES CULTURAS, CARACTERÍSTICAS HUMANAS UNIVERSAIS**

#### **Objetivo**

Diferenciar o que é universal no comportamento humano e o que é particular.

#### **Introdução**

O ser humano produz diversidade cultural. Você pode aprender como é importante constatar essa diversidade e se habilitar a lidar com ela em situações de contato com a diferença.

Entretanto, o ser humano não é apenas diverso. Somos uma espécie que compartilha características que nos assemelham, nos tornando iguais e não diferentes. Por isso esse item trabalha os conceitos de "características universais".

Características universais são aquelas que não se alteram em função do contexto ou da condição momentânea. Características particulares são aquelas que encontramos apenas em determinados contextos, seja de um lugar para outro, seja de uma época para outra.

As culturas humanas são, sem sombra de dúvida, plenas em particularidades. Mas dar atenção ao que é universalizado em nossa espécie também é fundamental.

#### **Principais conceitos**

Simbolização, estruturalismo, pesquisa de campo, diversidade cultural.

#### **Diversidade cultural, relações humanas**

A humanidade sempre conviveu, se espantou e reagiu à diversidade cultural. Temos registros de povos muito antigos curiosos por solucionar dilemas, como: "teria existido um dia uma língua universal?", "existe uma cultura primeira, que deu início a todas as outras?", "por que os outros povos não acreditam no meu Deus?" etc. Na verdade, esses dilemas demonstram, em alguns casos, etnocentrismo, em outros espanto ou indignação, e fazem parte da eterna inquietação humana por responder a tudo. Para a antropologia, esses dilemas apresentam questões equivocadas, pois todas pretendem chegar a uma cultura primordial, perfeita ou que explique que os povos que não a seguiram são inferiores ou errados.

Para as ciências sociais, o ser humano é um animal cultural, ou seja, jamais será capaz de viver em sociedade sem produzir símbolos, interpretar ao seu modo o mundo que o rodeia, e, assim, produzir uma

cultura original. Se vivemos em uma tribo ou em uma grande metrópole como São Paulo ou Nova York, somos o mesmo ser humano e o que muda é a forma exterior da cultura que nos rodeia.

Vamos mudar nossa lógica anterior, que era a de evidenciar a diversidade cultural, e vamos olhar para os recursos e as capacidades humanas que produzem essa diversidade. Em certas culturas, os indivíduos adoram a alguém ou a algo, que podem chamar de "Alá" ou de "Deus", em outras, ainda, não existe um único deus, mas vários deuses. Bem, independentemente do nome e da forma como ritualizamos essa fé, o que leva o ser humano a fixar um nome ou um ritual é a nossa capacidade, totalmente idêntica para todas as culturas, de ter crenças. Assim, independentemente da forma desenvolvida, somos seres dotados da capacidade de acreditar em coisas que transcendem, que vão para além da matéria.

Outro exemplo: em certas culturas o trabalho agrícola é uma tarefa feminina, e em outras, masculina. Independentemente da forma como cada cultura o faz, temos uma mesma capacidade, a de dividir socialmente as tarefas.

Seguindo com nossos exemplos, podemos afirmar que nas tribos não existe a noção de mercado, que é uma forma de organizar as trocas materiais, com objetivo de lucro para quem oferece a mercadoria ou o serviço. O que eles possuem são as trocas baseadas em "escambo", onde inexistente a moeda, e ambas as partes oferecem algo que consideram de comum acordo, ou seja, equivalentes. Independentemente da forma como é realizada existe nossa capacidade de avaliar trocas.

Apesar de você achar que isso não existe mais, o escambo ainda é uma forma de troca realizada em muitas partes do mundo, e em muitos lugares a moeda é algo raro e ausente das relações sociais.

Os indivíduos que vivem em grandes cidades têm à sua disposição uma grande quantidade de meios de comunicação, mas desconhecem realidades sociais que não fazem parte do que chamamos "modernidade". De fato, o que nos dá a sensação de que o mundo inteiro vive da mesma forma como nós vivemos é o etnocentrismo. Ele nos joga numa forma de isolamento de realidades alheias à nossa própria, e nos faz julgar como "atrasados" os povos que ainda não aderiram totalmente à nossa forma de vida social.

Não é incomum encontrarmos termos como "povos esquecidos", ou "povos primitivos" para nos referirmos àquelas sociedades que ainda vivem de forma tradicional, sem os valores e recursos da vida moderna.

Apesar de vivermos de formas muito diferentes de um lugar para o outro, temos as mesmas necessidades, enquanto seres da mesma espécie. Nos organizamos coletivamente, criamos instituições capazes de resolver certos problemas, dividimos socialmente as tarefas, criamos grupos de apoio e de exercício de nossas habilidades sociais, defendemos nossa cultura, educamos as novas gerações de acordo com nossos valores, ritualizamos nossas crenças e ouvimos os nossos chefes. Não existe sociedade perfeita. Em todas elas encontramos algum tipo de decisão que gera problemas, e aprendemos que nem sempre solução significa que tudo está resolvido.

Há elementos particulares às culturas humanas, mas também temos muitas coisas em comum, que são os elementos **universais** da humanidade.

Das tribos às metrópoles, o que muda é a quantidade de terra asfaltada e a quantidade de especialistas possíveis para resolver uma única questão, mas os princípios de organização são os mesmos. Lévi-Strauss, um grande antropólogo francês, comparou a diversidade cultural a um caleidoscópio. Nele, temos sempre uma mesma quantidade e cores de pedrinhas, mas a cada vez que viramos o caleidoscópio, o que vemos no fundo é um arranjo completamente original de cores e formas, como se tudo tivesse sido trocado, mas não foi.

O mesmo acontece com o ser humano. Somos dotados das mesmas necessidades e capacidades, mas produzimos arranjos sociais bem originais e diferentes entre si. Essa perspectiva explicativa criada por Lévi-Strauss é conhecida como **estruturalismo**. Compartilhamos uma estrutura mental que é universal, entretanto nos expressamos de formas diferentes.

Para Lévi-Strauss, essa estrutura mental comum a toda a humanidade explica o fato de ser possível encontrar elementos e traços de uma cultura semelhantes ou, até mesmo, idênticos a outras tão distantes; o que nos abriga a descartar a influência como forma de "imitação" entre elas.

Ele explica que a diversidade cultural é apenas a aparência, uma forma de expressão diferente, de uma estrutura mental que é universal à nossa espécie. Assim, os rituais, os hábitos e as línguas são apenas uma forma diferente de expressar as categorias mentais do Homem. Essas categorias estão "ocultas", não sendo perceptíveis, mas podem ser percebidas por meio da pesquisa comparativa entre as culturas que demonstre uma espécie de "lógica" única, uma ferramenta humana de estar no mundo.

### 7.1 A pesquisa de campo produz o conhecimento antropológico

Todo o conhecimento antropológico e as novas formas de conceituar a diversidade cultural, que extrapolam imensamente o senso comum e a forma como nos relacionamos com as diferenças culturais, resultam de uma sistemática metodologia de pesquisa.

Para descrever, compreender e conceituar todo o universo cultural humano, os pesquisadores desenvolveram o que chamamos "pesquisa de campo", ou "pesquisa de observação participante". Basicamente, o pesquisador permanece durante um longo período de tempo convivendo com a cultura que deseja conhecer, abandonando sua mera condição de "observador alheio". O antropólogo faz um mergulho profundo na visão de mundo e no cotidiano do "outro". Quem criou os mecanismos desse tipo de pesquisa foi B. Malinowski<sup>26</sup>. Isso possibilita uma mudança profunda na forma de interpretar o mundo por parte do pesquisador, pois ele deixa de ver o mundo com suas lentes anteriores, e passa a ver o mundo através da perspectiva do outro. Ele se coloca no lugar do outro.

---

<sup>26</sup> Segundo a enciclopédia eletrônica Wikipedia: "Bronisław Kasper Malinowski (Cracóvia, 7 de Abril de 1884 – New Haven, 16 de Maio de 1942) foi um antropólogo polaco. Ele é considerado um dos fundadores da antropologia social. Fundou a escola funcionalista. A principal contribuição de Malinowski para a antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente com o povo Mailu (1915) e posteriormente com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-1916, 1917-1918)."

A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.

(Queiroz, Danielle T. *et alli*. *Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde*. Rio de Janeiro: Rev Enferm UERJ, 2007 - abr/jun; disponível em <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>, acesso em 05 de novembro de 2010)

Após esse período de permanência em um universo completamente estranho, o pesquisador se retira e coloca em avaliação tudo que conseguiu registrar daquela cultura por meio de anotações, fotos, filmes, entrevistas, memórias, que normalmente se concentram no que chamamos "caderno de campo".

Então, não mais "contaminado" pela perspectiva alheia, mas capaz de refletir sobre ela de forma mais imparcial, o pesquisador apresenta ao leitor uma nova forma de interpretar essa cultura, baseada nos princípios científicos de objetividade e experimentação.

Esse tipo de pesquisa é que apontou as falhas do etnocentrismo, e criou o relativismo cultural. A proposta do relativismo é, basicamente, uma nova atitude de relação cultural com a diferença. Indo para além das estatísticas e mergulhando nas razões mais profundas do comportamento do outro, passamos a ter uma nova compreensão sobre a diversidade cultural.

Dentro da ciência antropológica, o relativismo teve um grande impulso durante o século XX, sendo também bastante criticado e debatido. Isso aconteceu porque:

...em 1947, um grupo de antropólogos, liderados por Herskovits, é convidado pela ONU para escrever o relatório preparatório à carta dos Direitos Humanos. (...) Seus autores se debatem entre a afirmação dos direitos universais e o horizonte relativista dos valores (Ortiz, 2009).

Os postulados no documento redigido davam margens para concluir que, de acordo com a antropologia, não seria possível estabelecer conceitos legais que tivessem validade universal, uma vez que tudo era relativo e particular.

Isso simplesmente invalidaria a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e colocava os antropólogos que defendessem radicalmente o relativismo em uma fronteira moral complicada. Não se poderia julgar o nazismo ou mesmo o infanticídio e a mutilação sexual das mulheres em nome do respeito à diversidade.

Não é a totalidade dos antropólogos que defende o relativismo interpretado dessa forma. "O relativismo cultural possui um mérito, ele inocula no pensamento uma sensibilidade pelo diverso. Isso não é pouco." (Ortiz, R. *op.cit*)

Ainda comentando os méritos do relativismo cultural, o autor Ortiz enfatiza que é necessário "percebermos que o particular é sempre tensionado pelo contexto no qual se insere", e que no contexto atual "os direitos humanos não são universais, mas pertencem ao destino comum no âmbito da modernidade-mundo"<sup>27</sup> (Ortiz, R. *op.cit.*). Ou seja, mesmo que certos países não reconheçam alguns direitos humanos, há um clima crescente de pressão mundial para dialogar e interferir em casos considerados como atentados aos direitos humanos.

É o caso de uma mulher iraniana chamada Sakineh Ashtiani. Leia a reportagem reproduzida abaixo.

### **Sakineh Ashtiani será executada na quarta-feira no Irã, diz ONG**

O caso de Sakineh, de 43 anos, atraiu a atenção do mundo inteiro, em uma campanha que mobilizou inúmeros governos e entidades humanitárias. Considerada culpada de adultério pela Justiça iraniana, ela foi condenada à morte por apedrejamento, mas a pena acabou sendo suspensa no início de setembro.

No final do mês passado, autoridades locais anunciaram o castigo de enforcamento como punição pela participação na morte do marido. A medida foi logo retificada pela Chancelaria do Irã, a qual afirmou que as formalidades legais do processo ainda não estavam concluídas.

Entre os que tentaram intervir estiveram o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que pediu a libertação de Sakineh e ofereceu-lhe asilo. Em resposta, o governo de Mahmoud Ahmadinejad afirmou que o brasileiro estava "desinformado" sobre o caso.

No dia 5, Sajjad informou ter pedido a interferência do papa Bento 16 a favor de sua mãe e solicitou asilo político à Itália. Na ocasião, o jovem afirmou que ele e a irmã, Sahideh, temiam ser presos em seu país, e que Kian também corria esse risco.

(fonte: Folha.com, caderno Mundo, 02/11/2010, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/824273-sakineh-ashtiani-sera-executada-na-quarta-feira-no-ira-diz-ong.shtml>>, acesso em 05 de novembro de 2010)

Independentemente desse debate em torno dos usos do relativismo cultural, a pesquisa desenvolvida pelos antropólogos tem resultado em um conhecimento cada vez mais profundo de todas as culturas do mundo. Atualmente, compreendemos melhor como podemos promover um contato mais equilibrado entre as diferentes nações.

#### **Sugestão de leitura complementar**

Ortiz, Renato. Sobre o relativismo cultural. *Revista Alambre*, Nº 2, março de 2009. Disponível em <<http://www.revistaalambre.com/Articulos/Articuloprint.asp?id=33>>, acesso em 05 de novembro de 2010.

Rocha, Everardo. *O que é etnocentrismo*, São Paulo: Brasiliense, 1998.

<sup>27</sup> Para Renato Ortiz, o termo "modernidade-mundo" é equivalente ao que todos conhecem por "globalização". Mas em sua teoria ele defende que globalização é um termo inadequado para se referir aos fenômenos de inter-relação entre todos os países atualmente, preferindo a ideia de mundialização.

Sabemos que, hoje em dia, a pesquisa antropológica é utilizada inclusive como recurso de exploração de nichos de mercado, para lançamento de novos produtos ou mudança de imagem institucional. Conhecendo a forma como o outro vê o mundo, é possível lhe apresentar soluções muito mais bem aceitas e adequadas aos seus padrões e valores.

### Síntese

A questão sobre o que é universal e o que é particular no ser humano suscita curiosidade desde os primeiros pensadores das civilizações humanas. Apesar de afirmar o caráter da imensa diversidade cultural humana, a antropologia realça a existência de estruturas que nos fazem igual.

### Saiba Mais

**A seguir, você pode ler algumas frases em artigos científicos de diferentes áreas do conhecimento humano, nas quais a preocupação em lidar com a diversidade cultural está presente:**

O conceito de diversidade está relacionado ao respeito à individualidade dos empregados e ao reconhecimento desta; gerenciar a diversidade implica o desenvolvimento das competências necessárias ao crescimento e sucesso do negócio.

(Fleury, Maria Tereza L. Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras, *RAE - Revista de Administração de Empresas*, Jul./Set. 2000, v. 40 . n. 3)

Reconhecer que a sociedade brasileira é multicultural significa compreender a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos sociais que a compõem. Entretanto, significa também constatar as desigualdades no acesso a bens econômicos e culturais por parte dos diferentes grupos, em que determinantes de classe social, raça, gênero e diversidade cultural atuam de forma marcante.

(Canen, Ana. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural, *Educação & Sociedade*, ano XXII, no 77, Dezembro/2001)

A cultura brasileira é o resultado de misturas entre os diferentes povos que para o Brasil vieram, de forma espontânea ou não, e aqui se estabeleceram, escolhendo-o como o seu lugar de viver. Fica claro o quanto é importante e pertinente que o Brasil mostre ao mundo a sua diversidade cultural como atrativo de visitação turística.

(Dias, Kátia M.; Borda, Gilson Z. *A diversidade cultural na comunicação visual - o caso EMBRATUR*. Monografia para especialista em gestão de negócios em turismo, Universidade de Brasília, 2005. Disponível em <[http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/631/1/2005\\_KatiaMacedoDias.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/631/1/2005_KatiaMacedoDias.pdf)> , acesso em 05 de novembro de 2010)

As organizações do futuro, mais que as atuais, irão operar em um ambiente de negócio incerto, complexo e altamente competitivo. As organizações cada vez mais trabalharão com equipes heterogêneas em termos de raça, etnia, gênero e outros grupos culturalmente diversos.

(Hanashiro, Darcy M. M.; Carvalho, Sueli G. Diversidade cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira, *REA - Edição 47, Vol. 11, No. 5, Set/Out-2005*. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/read/article/viewFile/15190/8959>>, acesso em 05 de novembro de 2010)

### EXERCÍCIOS

1) A observação participante faz parte da pesquisa de campo em antropologia. Assinale a alternativa que descreve corretamente esse método.

- a) O antropólogo faz um levantamento bibliográfico para poder fundamentar a comparação entre diferentes culturas.
- b) O antropólogo entrevista as pessoas de acordo com seu nível cultural.
- c) O pesquisador permanece durante um longo período convivendo com a cultura que pretende conhecer, mergulhando profundamente no universo alheio.
- d) O pesquisador deve se preparar através do etnocentrismo e da socialização para enfrentar a diversidade cultural.
- e) O antropólogo precisa exercitar o preconceito para depois conhecer cientificamente a cultura a ser estudada.

2) A pesquisa de campo realizada pelos antropólogos, que convivem com os indivíduos de outra cultura, participando de sua vida cotidiana, mudou a forma como encaramos atualmente a diversidade cultural. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

- a) Por meio desse tipo de pesquisa, compreendeu-se que não é possível uma cultura influenciar outras, pois cada uma tem sua própria totalidade, impedindo qualquer forma de multiculturalismo.
- b) Com essas pesquisas podemos concluir que a diversidade cultural impede a evolução cultural da humanidade.
- c) Como resultado das pesquisas de campo, foi possível constatar que o determinismo biológico é uma tese correta, mas o determinismo geográfico deixou de influenciar as diferentes culturas com o passar do tempo.
- d) Ao realizar essa pesquisa, o antropólogo não deve se envolver com os hábitos da cultura estudada, mas deve manter uma postura de julgamento a partir de seus próprios valores.
- e) Ao realizar essa pesquisa, o antropólogo deve se colocar no lugar do outro para relativizar seus julgamentos e poder compreender profundamente os valores alheios e sua visão de mundo.

3) É sabido que o ser humano vive em uma diversidade cultural, e que em cada sociedade são desenvolvidos recursos e valores muito próprios para as relações sociais. Sobre essa diversidade, assinale a alternativa correta.

- a) Apesar da imensa diversidade cultural, a humanidade se relaciona e cria alguns conceitos, valores, e até soluções práticas de mundo que podem ser universais.

- b) A diversidade cultural impede qualquer forma de universalidade humana, e isso pode ser constatado pelo fato de algumas culturas aceitarem o infanticídio, que deveria ser evitado por todas as culturas existentes.
- c) A universalização de alguns valores, como os direitos humanos, deve acabar com a diversidade cultural em pouco tempo.
- d) O esforço mundial pela modernização de todas as culturas demonstra que não há como defender a diversidade cultural.
- e) O relativismo cultural condena a diversidade cultural por não respeitar alguns direitos fundamentais da humanidade.

4) A respeito da relação entre diversidade cultural e universais humanos, o estruturalismo de Lévi-Strauss é uma teoria que defende um ponto de vista importante na antropologia. Sobre o estruturalismo, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) A teoria defende que apesar da imensa diversidade cultural humana, é possível encontrar pontos de coincidência ou semelhança entre culturas que jamais tiveram contato entre si.
- b) Lévi-Strauss propõe que a mente humana possui uma estrutura única, por isso, a diversidade cultural é apenas uma aparência que oculta o que há de universal em nossa espécie.
- c) Para o estruturalismo, a diversidade cultural é consequência do relativismo cultural, que defende que não podemos comparar as culturas entre si.
- d) O estruturalismo entende a cultura como se fosse um conjunto de categorias mentais, comum a toda a humanidade, mas que, em cada cultura, se expressam de uma forma diferente.
- e) Lévi-Strauss compara a cultura a um caleidoscópio, explicando que o material que a constitui é universal e único à nossa espécie, mas que proporciona diferentes soluções e arranjos.

### Resolução dos exercícios

1)

- C) o pesquisador permanece durante um longo período convivendo com a cultura que pretende conhecer, mergulhando profundamente no universo alheio.

2)

- e) Ao realizar essa pesquisa, o antropólogo deve se colocar no lugar do outro, para relativizar seus julgamentos e poder compreender profundamente os valores alheios e sua visão de mundo.

3)

- a) Apesar da imensa diversidade cultural, a humanidade se relaciona e cria alguns conceitos, valores, e até soluções práticas de mundo que podem ser universais.

4)

c) Para o estruturalismo a diversidade cultural é consequência do relativismo cultural, que defende que não podemos comparar as culturas entre si.

### 8 QUEM SOMOS, QUEM SÃO ELES: ADMIRAÇÃO E PRECONCEITO NA ALDEIA GLOBAL

#### Objetivos

Conhecer as características das culturas atuais, considerando as novas tecnologias e os meios de comunicação interativos. Refletir sobre as novas formas de construção de identidades culturais que passam pelo mundo real-presencial e também pelo mundo virtual.

#### Introdução

Com o imenso desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, as culturas humanas se aproximaram como nunca na história da humanidade.

Esse contato com a diferença trouxe importantes questões que afetaram a política, o mundo dos negócios, o desenvolvimento de valores, a totalidade das culturas humanas etc.

Com a proximidade entre as diferentes culturas, pode-se notar uma reação das pessoas, que oscila entre atitudes de admiração em relação aos outros ou de preconceito.

Neste item será desenvolvida a reflexão sobre como a globalização afeta o processo de identidade cultural de todos nós.

#### Principais Conceitos

Globalização, inclusão, exclusão, identidade cultural, desenraizamento, tradição.

#### 8.1 Globalização e diversidade cultural

A globalização é um fenômeno que coloca em contato constante um número cada vez maior de povos e pessoas do mundo todo. Para a globalização, contribuíram de forma decisiva a intensificação de atividades como o comércio exterior, a transnacionalização das grandes indústrias e empresas, o turismo, a valorização de serviços como a gastronomia, a disseminação dos meios de comunicação de massa, ou, ainda, a valorização da escola como forma de educação no mundo todo.

#### Sugestão de bibliografia básica:

Santos, Rafael J. "Tão diferentes, tão tribais: somos todos tão iguais"; *in Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

Os grandes avanços nos meios de transporte e comunicação tiveram um papel fundamental para permitir ampliar imensamente as fronteiras comerciais entre os países, bem como estreitar suas relações culturais e políticas.

A consequência direta da intensificação de tais atividades foi colocar em contato cada vez mais direto culturas que antes viviam relativamente isoladas. Por causa do aumento da circulação de bens e de pessoas, aumentou também a circulação de informações, ideias e conceitos entre povos do mundo inteiro.

Portanto, a chamada globalização é um fenômeno que inclui aspectos econômicos, tecnológicos, culturais e políticos.

Entretanto, sabemos que essa circulação intensa de bens e ideias acaba impondo certo modelo de cultura que é considerada "melhor" e "mais avançada", em detrimento de outras consideradas "exóticas", "atrasadas" ou "piores". Atualmente, a língua universal, não por acaso, é o inglês, e o que se globalizou, sendo encontrado em esquinas do mundo todo, foram as redes de sanduíches *fast food* de marcas como McDonald's, e não o famoso pão de queijo mineiro ou os tacos mexicanos. Portanto, sabemos que o país dominante economicamente, se torna dominante também culturalmente.

Os costumes da cultura norte-americana são extremamente mais divulgados e disseminados que os de qualquer outra, e tornou-se o modelo ou a referência a partir da qual todos os povos precisam se comparar, ou tentar se equivaler. Nisso não há nenhuma novidade, não é mesmo? O que há de novidade na globalização, quando falamos a respeito da diversidade cultural, é que agora, mais do que em qualquer outro momento histórico, temos a oportunidade de que pessoas comuns e costumes de culturas não dominantes, também sejam conhecidos globalmente. Hoje em dia, até mesmo os norte-americanos perceberam a importância de dar atenção a conceitos, métodos e técnicas de trabalho de países como o Japão, a Tailândia, a Índia ou a China. Procura-se na literatura especializada, tanto quanto na literatura tradicional desses povos, inspiração para planejar, solucionar, criar, relacionar ou reconstruir métodos e técnicas de trabalho, formas de nos relacionarmos uns com os outros, ou, ainda, estruturas mentais que possibilitem novas soluções pessoais/coletivas.

Para Octávio Ianni, a globalização que se acha em curso nesta altura da história apresenta características muito especiais, primeiro por ter a energia nuclear se tornado a mais poderosa técnica de guerra; segundo, pela excepcional capacidade de formar e informar, induzir e seduzir da revolução informática, base encontrada na microeletrônica; terceiro, pela organização de um sistema financeiro internacional, em conformidade com as exigências da economia capitalista mundial; quarto, pelo fato de as relações econômicas mundiais estarem amplamente influenciadas pelas exigências das empresas, corporações ou conglomerados multinacionais, transnacionais, mundiais, globais, planetários; quinto, pela reprodução ampliada do capital, recriando relações nos quatro cantos do mundo; sexto, pela transformação do inglês na língua universal, por meio da qual se articulam e expressam indivíduos, grupos e classes, em suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais e, sétimo, pela resposta do capital à crise.

(Alves, P. et alii, *Neoliberalismo e a desterritorialização dos espaços*. Publicado eletronicamente por: e-revista.unioeste.br, p.2)

Ao mesmo tempo em que admiramos e tomamos como exemplo certas condutas culturais "novas" para a maioria de nós, e que sempre foram tradição para outros povos, temos um conflito, pois também temos preconceito e não sabemos como enfrentar o diferente. É comum os alunos indagarem, "mas o que é que podemos aprender, por exemplo, com os índios?", pois ainda pensam as culturas de forma etnocêntrica, considerando os povos indígenas como "primitivos", povos que "não têm nada".

A resposta da antropologia é simples. Essas são sociedades onde há hierarquia e divisão de tarefas, mas onde não há desigualdade social. Vamos explicar melhor isso? As tribos são socialmente organizadas, e possuem figuras sociais como "pajé", "cacique" ou "guerreiro". Até aqui nenhuma novidade, não é? Entretanto, apesar dessa organização, não existe diferença econômica entre seus membros, eles formam o que denominamos de "sociedade planificada", onde todos estão em um mesmo plano de recursos econômicos. Portanto, não existem classes sociais. O cacique ocupa o mesmo tipo de moradia e dispõe da mesma quantidade de alimentos que qualquer indivíduo de seu grupo, portanto, o fato de ocupar uma função de influência e importância não lhe dá prerrogativas de maior conforto material, a não ser em ocasiões rituais.

Quando alguém exerce poder, não está, necessariamente, criando uma superioridade de condição em relação aos dominados?

Pois bem, no caso das tribos, esse tipo de poder inexistente. As figuras de grande importância social, e que influenciam as tomadas de decisão do grupo, não são pessoas que desfrutam de privilégios materiais. Assim, o reconhecimento social da autoridade está baseado em coisas como a tradição, as habilidades pessoais demonstradas pelo indivíduo, a linhagem de seus ancestrais, ou, ainda, eventos místicos. As tribos não são sociedades perfeitas, mas o fato de se organizarem sem criar grandes diferenciações sociais gera um grupo no qual existe a total ausência de fenômenos como: criminalidade, prostituição, trabalho infantil, violência urbana; e onde são desnecessárias instituições como: asilos, abrigos de menores e moradores de rua, manicômios, prisões etc.

O que temos a aprender com os índios? Eles conseguiram produzir uma sociedade em que existe respeito, autoridade, liderança e organização, sem haver discriminação, autoritarismo, imposição e exclusão. O que se propõe, não é uma volta "à idade da pedra", mas que nossa sociedade possa tomar como exemplo não apenas o modelo de sucesso mercadológico americano, mas um pouco, também, do modelo de sucesso social de nossos índios. Concluindo, o ser humano pode produzir uma sociedade mais justa, se conseguir por meio do debate, da exposição de conteúdos culturais cada vez mais diversificados e da reflexão coletiva, chegar às soluções menos etnocêntricas e mais originais. A globalização pode nos oferecer ferramentas para esse tipo de conduta. Os povos tradicionais da América Latina, da África, da Ásia e da Europa têm muito mais a oferecer à humanidade do que pratos exóticos e danças admiráveis. Existe uma sabedoria acumulada por séculos e séculos de culturas que são ricas para todos nós.

Atualmente, muitas pessoas estão abertas a esse tipo de atitude. Muitas vezes começa com oportunidades de exploração de nichos de mercado, como oferecer uma culinária exótica ou espetáculos artísticos tradicionais. Mas isso pode ser aproveitado, também, de forma a sensibilizar as pessoas a desenvolverem atitudes que respeitem a diversidade cultural, que agucem a curiosidade de conhecimento

dos outros povos, e que defenda a preservação dessa diversidade. Afinal, a cultura é algo que está o tempo todo em transformação.

Inclusão social deve ser um conceito não apenas de políticas que possibilitem educação, acesso às tecnologias e qualificação profissional para todos, mas, também, de políticas do mercado e das estratégias de consumo. Desenvolvimento de produtos baseados em tradições e necessidades locais, valorização da estética e dos valores locais e aproveitamento dos recursos comunicativos locais são apenas alguns exemplos de como o mundo da produção, das organizações, da publicidade e do mercado podem promover inclusão e respeito à diversidade cultural.

### 8.2 Identidade cultural em tempos de globalização

Com o fenômeno da globalização, que coloca num ritmo acelerado de contato um grande número de culturas, podemos nos questionar a respeito do processo de construção das identidades culturais. Ainda existem identidades próprias, ou somos resultado de um grande e flexível mercado global?

Para começar essa reflexão, é interessante pontuar algumas características da globalização, cujos fenômenos culturais são denominados na antropologia de "pós-modernidade". Essa época está sendo caracterizada por um fenômeno original em relação às identidades culturais, pois até a modernidade, antes da globalização, as culturas eram mais enraizadas, faziam parte da história de um povo e de um lugar. Agora, em tempos de globalização e pós-modernidade, os símbolos de muitas culturas migram por meio do mercado, do turismo, da aceleração do contato mundial.

A globalização pode permitir a emergência de **novas formas de identificação coletiva**, as quais, por não mais se definirem em função de um pertencimento territorial, ou de uma tradição imemorial, mas em função de questões de relevância global, se subtraem às exigências de lealdade tradicional ou de atuação localizada.

(Burity, Joanildo A. *Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo*. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/ciencia%20politica/jburity02.pdf>>)

O termo "desenraizamento" cultural significa falar de uma cultura, com seus hábitos, símbolos e identidades coletivas, que deixa de ter um único território e se "desenraiza" para levar suas influências para muitas outras culturas que participam do processo de globalização.

Portanto, hoje em dia, não é apenas a influência do "jeito de ser" americano que pode atingir pessoas do mundo inteiro com o cinema ou os produtos que vendem. Mesmo culturas antes desconhecidas têm seus símbolos e hábitos "migrando" por todo o mundo, porque estes estão desenraizados. Isso mudou nossa forma de julgar a diversidade cultural.

Vamos compreender melhor. Antes da globalização, as culturas rotuladas de "atrasadas" eram submetidas aos símbolos das culturas dominantes, na tentativa de incorporar uma identidade de "avançados", "evoluídos". Os "povos atrasados" tinham, necessariamente, que "imitar" ou seguir as culturas tidas como mais avançadas.

Assim, havia uma "mão única" de influência cultural. Era questão de *status* se parecer e se comportar como um europeu ou um norte-americano. Eles levavam seus símbolos e costumes para os países sob sua influência, e isso era considerado sinal de progresso, avanço e modernidade.

Agora, a diferença é que esse tipo de procedimento tem uma "mão dupla". Em tempos de pós-modernidade, os europeus e norte-americanos passam a utilizar símbolos e costumes de culturas tradicionais, sem que isso fosse considerado sinal de "atraso" ou "esquisitice".

Vamos pensar em alguns exemplos: a indumentária africana tradicional passou a ser valorizada como artigo "étnico" por grifes bem posicionadas no mercado. Os objetos de artesanato dos índios sul-americanos ou dos orientais passaram a ser disputados por decoradores e lojas voltadas a um público consumidor de alto poder aquisitivo em países da Europa e nos Estados Unidos. O hábito de comer peixe cru, o famoso *sushi*, passou a fazer parte do cotidiano de pessoas do mundo todo, bem como a culinária chinesa, que se tornou rede de *fast food*.

Antes da globalização, isto seria considerado sinal de mau gosto, esquisitice ou falta de adequação aos padrões "normais". A pós-modernidade trouxe a possibilidade da migração dos símbolos culturais, de sua utilização em novos e originais contextos, provocando seu **desenraizamento**.

Vamos comparar agora:

### Até a Modernidade, Pré-Globalização:



#### Características da identidade cultural:

- Baseada na tradição local, enraizamento.
- Os indivíduos possuem um único modelo de socialização-endoculturação.
- Transformações em ritmo lento, decorrente da valorização das tradições locais.
- A cultura se desenvolve em um território geograficamente delimitado, real.
- A cultura se desenvolve como resultado da interação de um povo.

### Após a Globalização, Pós-Modernidade:



#### Características da identidade cultural:

- Baseada na velocidade de transformação, desenraizamento.
- Os indivíduos possuem muitos modelos de socialização-endoculturação através dos meios de comunicação.
- Transformações em ritmo acelerado, decorrente da valorização das "novidades", ou seja, das mudanças.
- A cultura se desenvolve em dois tipos de territórios, o real, geograficamente delimitado, e o virtual, que é o mundo do consumo e das comunicações interativas como a Internet e os celulares.
- A cultura se desenvolve como resultado da interação de vários povos.
- Os indivíduos são produtos de muitas influências, como uma bricolagem (aqueles trabalhos manuais que utilizamos materiais procedentes de diferentes recursos para compor uma coisa original).

Em tempos de globalização, todos os lugares estão se comunicando culturalmente e mutuamente, e os símbolos culturais flutuam livremente em lugares virtuais, como o mercado e os objetos de consumo e as comunicações virtuais não presenciais e interativas.

Em função disso, podemos observar alguns fenômenos, com, por exemplo, os símbolos. Antes da pós-modernidade, apenas as pessoas que tivessem uma motocicleta Harley Davidson se interessavam em utilizar essa logomarca ou toda a estética de motociclista que foi culturalmente construída em torno desse produto. Atualmente, essa marca se transformou em símbolo de liberdade e forma de expressão, sendo incorporada e utilizada por pessoas que, sequer, possuem uma motocicleta, e, muito menos, uma Harley. A estética do motociclista, ou suas partes, estão presentes em vários grupos e podem ser usados apenas como recurso visual.

O mesmo ocorre com os automóveis que antes eram meramente utilitários, os chamados *off road*. Desenvolvidos inicialmente para servirem as tarefas do campo ou os militares, foram, a princípio, incorporados por esportistas. Em tempos de globalização, pessoas que sequer se interessam em dirigir em estradas de terra, e, muito menos, são esportistas, militares ou trabalhadores do campo, consomem avidamente esses veículos para expressar *status*, identidade ou, simplesmente, para se sentirem "diferentes".

Você pode perceber como símbolos e coisas se unem? Um não existe sem o outro. Estamos vivendo, atualmente, fenômenos que ainda prometem uma infinidade de manifestações culturais em função do desenraizamento simbólico.

Muitos autores veem no desenraizamento cultural uma ameaça às certezas humanas, que antes tinham seus territórios onde fincavam suas raízes.

A importação de modelos globais, em todas as dimensões da vida humana, pulveriza a dimensão simbólica de forma violenta, transformando os modos de produção, os hábitos, os valores etc., promovendo um desenraizamento cultural, gerando um mundo de incertezas e de riscos produzidos, o qual se desdobra na perda da liberdade e da identidade humana.

(Andrade, Angela; Bosi, Maria Lúcia M. *Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino*. Rev. Nutr. Campinas, jan./mar., 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n1/a11v16n1.pdf>>, acesso em 05 de novembro de 2010)

Podemos dizer que na pós-modernidade as tradições sumiram? Não, elas se transformaram em espetáculos de mídia e turísticos, e muitas foram revividas e retomadas após um longo abandono e falta de valorização. Atualmente, as tradições são mais respeitadas, pois já não significam "coisa de gente atrasada". Ao mesmo tempo, os símbolos, que antes eram apenas tradicionais, estão migrando por todas as partes, perdendo seu significado original. A antropologia, como ciência, não se preocupa em julgar se isto é "bom" ou "ruim". Cabe, sim, uma reflexão sobre o novo papel da cultura em nossas vidas como cidadãos, profissionais e pessoas comuns.

Comentando a questão da importância da diversidade cultural e o relativismo em tempos de globalização (nota-se que o autor usa o termo mundialização), Renato Ortiz defende que:

Dizer que as culturas são um "patrimônio da humanidade" significa considerar a diversidade enquanto valor universal. Todos devemos cultivá-la e respeitá-la. A crítica ao etnocentrismo, assimilada, na maioria das vezes, à dominação ocidental, somente pode ser validada quando se manifesta como algo que transcende a província de cada cultura, de cada identidade. É isso que nos permite dizer: "as culturas minoritárias correm o risco de desaparecer, por isso, necessitamos preservá-las"; "as culturas precisam ser consideradas nos contextos aos quais elas pertencem"; "precisamos valorizar todas as facetas da memória coletiva da humanidade"; "o respeito a todas as culturas é um direito de reconhecimento à diferença". Há nessa operação semântica uma redefinição do que seria impensável nos marcos anteriores: o diverso torna-se um bem comum. (Ortiz, Renato. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007)

### Leitura complementar:

Tessarotto, Thaís de O. "Novos horizontes antropológicos: indivíduo, cultura e globalização," CAOS, *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, nº 07, setembro de 2004.

Texto eletrônico disponível em:  
<<http://www.cchla.ufpb.br/caos/thaisoliveira.pdf>>

## Saiba mais

A globalização e o contato com a imensa diversidade cultural trouxe a necessidade de respostas para o relacionamento humano em todos os níveis. Ética, política, negócios, comunicação e crenças são alguns exemplos possíveis de ordens de nossa existência que são afetadas por esse contato.

As pesquisas que têm sido desenvolvidas sobre o mundo dos negócios e sua administração seguem esse exemplo.

Atualmente, questiona-se até mesmo as metodologias de pesquisa desenvolvidas em países de capitalismo avançado que, quando aplicadas em outras realidades socioculturais, deixam como resultado conclusões que induzem a pensar, por exemplo, que os japoneses ou os chineses não são éticos.

Abaixo, você pode ler um trecho da conclusão de um trabalho científico que propõe a necessidade de que se desenvolvam métodos de pesquisas adequados às realidades culturais locais, para que não se crie mais preconceitos.

Por isso um processo, uma norma ou uma atitude não pode ser considerada como justa ou injusta sem uma criteriosa análise da cultura ou culturas envolvidas no processo de definição de justiça.

O que ocorre com elevada frequência é que uma escala é construída para medir constructos como "comprometimento" ou "ética", baseados em um contexto norte-americano, medindo

o que acreditam que seja ética, ou comprometimento, ou qualquer outro conceito na visão do país de origem, e, posteriormente, passa pelos procedimentos de "adaptação cultural" e é aplicada, por exemplo, em um contexto chinês ou japonês. O resultado da pesquisa? Têm como conclusão que os chineses e japoneses são pouco éticos, utilizam favorecimento arbitrário, procedimentos e regras não "justas" etc. (...)

Isso acontece, pois, embora se reconheça que existem tais diferenças culturais, não se utiliza destes conceitos ao aplicar pesquisas e analisar resultados como se tais diferenças não existissem e os conceitos fossem os mesmos em toda parte do mundo (...).

Considerando estas dificuldades e limitações dos instrumentos utilizados, precisa-se considerar a utilização de metodologias alternativas de pesquisa (...).

Em um processo complexo como este, podemos verificar que valores como a verdade, o bem e o mal, a justiça, o comprometimento, a lealdade e a ética não são conceitos absolutos, dependendo de como cada cultura entende o que é desejável e o que é inaceitável em termos de comportamento de seus membros, e tais diferenças devem ser levadas em consideração na análise e utilização de dados e pesquisas que tenham como objetivo realmente entender o conceito em um contexto estrangeiro e não só replicar estudos realizados nos países dominantes.

(Almeida, Gustavo de Oliveira; Zouain, Deborah M. Culture Free a valores específicos: a importância do contexto cultural na gestão internacional. Artigo apresentado ao SEGeT (Simposio de Excelência em Gestão e Tecnologia), disponível em: [http://www.aedb.br/seget/artigos09/453\\_453\\_artigo-GI.pdf](http://www.aedb.br/seget/artigos09/453_453_artigo-GI.pdf), acesso em 11 de dezembro de 2010)

### Síntese

A globalização tem como um dos resultados mais importantes, a intensa aproximação entre as diferentes culturas de todo o mundo.

Essa aproximação afeta a todos, tanto países mais desenvolvidos e dominantes desse processo, quanto países mais frágeis que precisam se adaptar à nova ordem mundial.

A intensificação desse contato tem promovido a necessidade de uma compreensão sobre a diversidade menos baseada em preconceitos e no etnocentrismo, e mais amadurecida e aberta às novas soluções.

Surgem novas formas de identidade cultural, que são fortemente influenciadas pela diversidade e que exigem uma mentalidade baseada em novos valores mais inclusivos e democráticos.

Em nosso cotidiano, seja no âmbito doméstico, como no mundo do trabalho, das relações de amizade, na educação ou ainda na produção de conhecimento, o tema da diversidade e das novas formas de relacionamento estão em pauta.

### EXERCÍCIOS

1) Uma característica marcante das sociedades globalizadas é o "desenraizamento" cultural. Sobre esse conceito, é correto afirmar que:

- a) O que está em processo de desenraizamento, atualmente, é a aparência social, capaz de atribuir *status* aos indivíduos; por isso, elementos culturais como o vestuário e os artigos de consumo são retirados de seu contexto original.
- b) Desenraizamento significa que os referenciais culturais estão sem raízes em seus lugares de origem e, sendo apropriados por muitas culturas, eles, ganham novos significados.
- c) Faz parte de uma estratégia de mercado para aumentar o consumo de itens de beleza e tecnologia.
- d) Podemos observar que o desenraizamento tem promovido perdas culturais, pois os símbolos são retirados de seu local de origem, perdendo qualquer significado.
- e) É uma característica das sociedades onde os indivíduos não têm mais nenhuma referência cultural, "emprestando" ou importando hábitos e formas de comportamento para criar uma identidade social.

2) Sobre o processo de globalização que afeta a maior parte das sociedades atualmente, é correto afirmar que:

- a) É um processo que pode ser associado apenas aos aspectos culturais das sociedades contemporâneas, e está pouco presente nas sociedades tradicionais.
- b) A globalização é um fenômeno político, pois pode ser claramente percebido como estratégia de dominação de uma única cultura sobre todas as outras.
- c) Globalizar significa transformar o tradicional em exótico e o moderno em moda.
- d) É um processo que atinge as esferas da economia, da política, da tecnologia, do mercado e da cultura; por causa da intensificação da circulação de pessoas, bens e ideias ela se faz presente nas mais diferentes sociedades.
- e) Atinge apenas as sociedades mais pobres, que não têm interesse em manter as tradições.

3) O(s) elemento(s) que compõe(m) a **globalização da cultura**, permitindo que seus produtos sejam cada vez mais universalizados é(são):

- a) A indústria cultural que se tornou global através da mídia televisiva, jornalística, do cinema e das gravadoras musicais; a comunicação promove mundialmente novos valores que são fortalecidos, como o respeito universal pela diversidade cultural e pela autonomia dos povos.

- b) O crescimento do relativismo cultural, que defende que as culturas que não se globalizaram não devem ser respeitadas em seus valores.
  - c) O comércio de produtos tradicionais e locais que passam a ser mais valorizados que os industrializados na economia mundializada.
  - d) A mundialização da dimensão econômica voltada para a necessidade de remodelarmos o mercado, tornando-o menos agressivo com as pequenas economias.
  - e) As trocas, o uso do mercado financeiro e a moda.
- 4)** A globalização interfere na identidade cultural que os indivíduos constroem atualmente. A esse respeito, assinale a alternativa **correta**.
- a) As identidades culturais são afetadas pela globalização, pois existe uma única cultura mundial de referência para todos os povos atualmente, que é a cultura norte-americana.
  - b) O processo de globalização só interfere nas identidades culturais dos povos considerados mais primitivos, pois os povos mais avançados já se globalizaram.
  - c) Como existe um desenraizamento cultural não há mais uma única referência territorial para as raízes de uma cultura; assim, os indivíduos têm muitos referenciais simbólicos de diferentes culturas para compor suas identidades.
  - d) Com o desenraizamento cultural, as tradições deixaram de existir, e as identidades culturais deixaram de ser afetadas pela globalização.
  - e) Todas as culturas estão sendo mais influenciadas pelos padrões de culturas consideradas exóticas e primitivas, pois na globalização esses povos ganharam mais espaço na mídia e na moda.

### Resolução dos exercícios

- 1)
  - b) Desenraizamento significa que os referenciais culturais estão sem raízes em seus lugares de origem e sendo apropriados por muitas culturas eles ganham novos significados.
- 2)
  - d) É um processo que atinge as esferas da economia, da política, da tecnologia, do mercado e da cultura; por causa da intensificação da circulação de pessoas, bens e ideias ela se faz presente nas mais diferentes sociedades.

3)

a) A indústria cultural que se tornou global através da mídia televisiva, jornalística, do cinema e das gravadoras musicais; a comunicação promove mundialmente novos valores que são fortalecidos, como o respeito universal pela diversidade cultural e pela autonomia dos povos.

4)

c) Como existe um desenraizamento cultural não há mais uma única referência territorial para as raízes de uma cultura; assim, os indivíduos têm muitos referenciais simbólicos de diferentes culturas para compor suas identidades.

### Referências bibliográficas

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

FORACCHI, M.; MARTINS, J. S. *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, M. P. *Antropologia*. São Paulo: Contexto, 2009.

GUERRIERO, Silas. *Antropos e psique – o outro e sua subjetividade*, São Paulo: Olho d'Água, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

REIS, Leticia V. S. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*, São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, José L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---





